



VERDE-OLIVA

Exército Brasileiro

Brasília-DF • Ano XL • Nº 219 • ABRIL 2013

Centro de Comunicação Social do Exército

CENTENÁRIO 1913-2013

DE NASCIMENTO DO CAPITÃO CAPELÃO

FREI ORLANDO

Soldado da Paz

ISSN 2178-1265



9 772178 126004

Ainda nesta Edição:



Indicadores da Excelência da Educação e do Ensino no CMF



Soletrando 2012

Programa Casa Própria (PROCAP)

O melhor caminho
para morar no que é seu

CONDIÇÕES ESPECIAIS

juros baixos e
agilidade na
liberação do
financiamento



Conheça as condições no site
fhe.org.br/procap

Mais informações
0800 61 3040

FHE Fundação
Habitacional
do Exército

POUPEX Associação
de Poupança
e Empréstimo



Editorial

VERDE-OLIVA – ANO XL • Nº 219 • ABRIL 2013

Prezado leitor,

Nesta edição da **Revista Verde-Oliva**, são apresentados diversos textos de interesse institucional e nacional, mas uma ênfase é dada aos que procuram rememorar os feitos, e a vida de **Antonio Alvares da Silva – Frei Orlando** –, motivos pelos quais, por seu mérito e como forma de reconhecimento do Exército Brasileiro (EB), foi intitulado Patrono do Serviço de Assistência Religiosa do Exército (SAREx).

Nos textos “Centenário de Nascimento do Capitão Capelão **Frei Orlando**”, “**Frei Orlando** – a serviço de Deus e da Pátria”, “A Morte do Capelão Militar **Frei Orlando**”, “O Patrono do Serviço de Assistência Religiosa do Exército” e “Comemorações do Centenário de Nascimento do **Frei Orlando**”, são apresentados amiúde as realizações dessa figura insigne do EB, cuja história retrata toda a dedicação de um homem em prol do bem-estar dos seus assistidos, nos aspectos religioso e alimentício.

A seção Nossas OM apresenta a história do 6º Batalhão de Comunicações, desde sua instalação na cidade de Bento Gonçalves, em cuja sede foi, primeiramente, do 1º Batalhão Ferroviário (atual 10º Batalhão de Engenharia de Construção), depois do 3º Batalhão de Comunicações (transferido para Porto Alegre em 1976), até a sua atual estrutura e missão. O texto faz referência a Bento Gonçalves, cujo padrão de desenvolvimento a coloca como primeira no ranking do IDH estadual.

No texto “Indicadores da Excelência da Educação e do Ensino do CMF”, são abordados aspectos relacionados à relevância e ao reconhecimento do ensino proporcionado pelo Sistema Colégio Militar do Brasil (SCMB), bem como ressalta-se a importância atribuída ao formato educacional desenvolvido e aos valores estabelecidos pelo governo para a educação brasileira, os quais estão presentes no ensino proporcionado no Colégio Militar de Fortaleza.

O quadro Soletrando do programa Caldeirão do Huck, no ano de 2012, mostrou-se como a consolidação do ensino do SCMB, pois teve como finalistas três alunos de Colégios Militares, explícito sinal do padrão de qualidade da educação proporcionada nessas instituições.

No intuito de estar atualizado com o que acontece em nível mundial, o EB fez-se representar no Curso de Mediação e Gerenciamento de Cessar-Fogo das Nações Unidas por um capitão da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais. O evento é uma iniciativa da Organização das Nações Unidas no sentido de viabilizar a preparação de pessoal especializado na mediação e no gerenciamento de cessar-fogo, que, em virtude das atuais características geopolíticas mundiais, requer dos negociadores novas e diferentes capacidades.

Ainda no assunto educação, no texto “EASA – duas décadas aperfeiçoando sargentos para o Exército”, faz-se uma referência a essa escola, desde sua concepção, idealizada para atender ao Comando Militar do Sul, até sua consolidação como escola de aperfeiçoamento de nível nacional,

passando pela valorização do militar por ela aperfeiçoado.

No texto “As despedidas no Exército”, são apresentadas as despedidas que o Comandante do EB, anualmente, apresenta aos militares que deixam as fileiras da Força Terrestre. Por falar em despedida, o Colégio Militar de Porto Alegre (CMPA) selecionou o texto de despedida de um militar aprovado no Curso de Formação de Sargentos em 2011, por apresentar de forma imparcial o sentimento do militar em relação ao EB e ao CMPA.

No texto “Centenário de **Luiz Gonzaga** – o Rei do Baião –”, são apresentados os agradecimentos e o reconhecimento da Força Terrestre a **Luiz Gonzaga**, pelo período em que esteve na instituição e pela trajetória de sucesso empreendida por esse grande nordestino.

Num ano de variadas comemorações, a Fortaleza de Santa Cruz da Barra completou 400 anos de história, em cujas paredes e canhões encravados na elevação estão presentes fatos e feitos da história do Brasil e da cidade do Rio de Janeiro, cuja defesa foi realizada por bravos que lá estiveram ao longo do tempo.

Como encerramento desta edição, faz-se menção, como personagem de Nossa História, ao Padre **Nillo Kollet**, que deixou a Igreja São João, em Porto Alegre, para integrar o grupo de capelães militares que compôs a FEB. Boa leitura!

Gen Div Carlos Alberto Neiva Barcellos

Chefe do CCOMSEx

PUBLICAÇÃO DO CENTRO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DO EXÉRCITO (CCOMSEx)

Chefe do CCOMSEx:
Gen Div Carlos Alberto Neiva Barcellos

Subchefe do CCOMSEx:
Cel Inf QEMA Kepler Santos de Oliveira Bastos

Chefe de Produção e Divulgação:
Cel Cav QEMA Nilson Kazumi Nodiri

CONSELHO EDITORIAL

Cel Art QEMA Richard Fernandez Nunes
Cel Cav QEMA Nilson Kazumi Nodiri
Cel R/1 Jefferson dos Santos Motta

SUPERVISÃO TÉCNICA
Cel R/1 Jefferson dos Santos Motta

REDAÇÃO
Maj QCO Maurício Infante Mendonça
Cap QCO Caecilá Leal do Nascimento
2 Ten QAO Cesar Luiz Oliveira Viegas

PROJETO GRÁFICO

1º Ten QCO Karla Roberta Holanda Gomes Moreira
1º Ten QAO Adm G Osmar Leão Rodrigues
S Ten Valmir José Kerkoven
1º Sgt Inf Djalma Martins
2º Sgt Inf Fabiano Mache
Cb Harllen de Oliveira Ximenes Mesquita

DIAGRAMAÇÃO

2º Sgt Inf Fabiano Mache

COORDENAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

Centro de Comunicação Social do Exército

IMPRESSÃO

Cidade Gráfica e Editora Ltda,
SIBS Quadra 03, Cj A, Lt 26/28
Núcleo Bandeirante – Brasília/DF
CEP 71736-301 – Tel. (61) 3552-5066
cidadegraficaeditora@gmail.com

PERIODICIDADE

Trimestral

TIRAGEM

50.000 exemplares – Circulação dirigida
(no País e no exterior)

FOTOGRAFIAS

Arquivo CCOMSEx

JORNALISTA RESPONSÁVEL

Maria José dos Santos Oliveira – RP/DF/MS 3199

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Quartel-General do Exército – Bloco B – Térreo
70630-901 – Setor Militar Urbano – Brasília/DF
Telefone: (61) 3415-4673 – Fax: (61) 3415-4399
redacao@exercito.gov.br

Disponível em PDF na página eletrônica:

www.exercito.eb.mil.br

NOSSA CAPA



Fotomontagem: 2º Sgt Fabiano Mache

É permitida a reprodução de artigos, desde que citada a fonte, exceto de matérias que contiverem indicação em contrário.



Sumário

Acompanhe nesta Edição



- 6** Centenário de nascimento do capelão capitão Frei Orlando
- 7** Antonio Alvares da Silva – Infância e Vida Religiosa em São João Del Rei
- 11** Frei Orlando – A Serviço de Deus e da Pátria
- 14** A Morte do Capelão Militar Frei Orlando
- 17** O Patrono do Serviço de Assistência Religiosa do Exército (SAREX)
- 20** Comemorações do Centenário de Nascimento de Frei Orlando



Nossas OM: 6º Batalhão de Comunicações

22



Indicadores da Excelência da Educação e do Ensino no Colégio Militar de Fortaleza

26



Universidades Americanas admitem alunos oriundos de colégios militares

31



Programa Soletrando 2012

32



Curso de Mediação de Gerenciamento de Cessar-Fogo das Nações Unidas

38



Escola de Aperfeiçoamento de Sargentos (EASA) – Duas décadas aperfeiçoando os sargentos do Exército

42



As despedidas no Exército

50



O Centenário de Luiz Gonzaga – O Rei do Baião

53



A Fortaleza de Santa Cruz da Barra – 400 anos – 1612 a 2012

56



Personagem da Nossa História: Padre Nilo Kollet

62



Espaço do Leitor

redacao@exercito.gov.br

“Hoje, diante de tantas incertezas e de um leque bastante diversificado de opções profissionais, nossos jovens, muitas vezes, ficam sem saber como decidir pelo futuro. A Revista **Verde-Oliva**, produzida com técnica, competência e objetividade, inclusive em relação às diversas possibilidades no próprio Exército, é um ótimo canal de divulgação dessa carreira tão digna e necessária, que é o nosso Exército Brasileiro. Temos o orgulho de ter entre os nossos alunos egressos, alguns que já fazem parte do Quadro do Exército Brasileiro. Isto muito nos dignifica. Dessa forma, irmanados, acreditamos que, tanto a Escola como o Exército, têm cumprido nosso papel de preparar melhores brasileiros, pois é o que todos desejamos e o que a nossa Nação merece. Cordiais saudações.

Alípio Mumic Filho – Diretor da Escola Estadual “Benedito Ferreira Calafiori” – Minas Gerais

“Recebi um exemplar da publicação “**Verde-Oliva**” número 212, por ocasião de solenidade recente em Unidade do Exército, na cidade de Belo Horizonte, da qual participei na qualidade de ex-combatente da Força Expedicionária Brasileira. Seu conteúdo despertou minha atenção e admiração pelo padrão editorial, bem como pelos artigos interessantes e variados.

João Batista Moreira
Belo horizonte (MG)

“Peço enviar, por gentileza, as Revistas **Verde-Oliva** números 215/2012 e 216/2012. Essas revistas são muito importantes para mim, as melhores que já vi, porque estou estudando para prestar concurso para a Escola Preparatória de Cadetes do Exército e pretendo pertencer a Aviação do Exército. As duas revistas tratam desses assuntos.

Anderson Novais
São Bernardo do Campo (SP)

“Gostaria muito de receber a Revista **Verde-Oliva**, principalmente a edição especial número 215/2012. Meu filho sonha ingressar na Escola do Exército e no ano que vem pretende prestar concurso. Há algum tempo, recebi duas Revistas **Verde-Oliva** de um amigo e acho que essa edição será de muita valia para meu filho, que ficará muitíssimo feliz e agradecido.

Conceição Angelelli
Brotas (SP)

“Parabéns pela excelente qualidade da Revista **Verde-Oliva**. Sou franqueado da Escola Plenarius, de Juiz de Fora (MG), e ministro um curso preparatório para as Carreiras Militares, nas cidades de Baependi e Caxambu (MG), onde temos cerca de 100 (cem) alunos. Um de nossos alunos conseguiu a revista nº 215 e despertou enorme interesse por parte dos demais em ter a revista. Ficaremos muito gratos se conseguirmos um exemplar para cada aluno. Antecipamos nossos agradecimentos.

Lúcio Flavio de Oliveira Gouvêa
Baependi (MG)

“Leio e depois disponibilizo a Revista **Verde-Oliva** para pessoas que não têm muito contato ou conhecimento do dia-a-dia da Força Terrestre, com o intuito de verem como funciona e opera esta magnífica organização. Hoje trabalho na IBM e creio que por lá a difusão da VO seja algo importante. Por gostar do assunto, há anos participo de fóruns e palestras, sendo procurado por pessoas que querem informações sobre a Força Terrestre. Tendo em mãos meios como a VO, muita coisa pode ser esclarecida com rapidez e facilidade. Prova disso é que meu blog sobre polemologia foi eleito o blog da semana pela revista da IBM.

Luiz Eduardo Silva Parreira
Sumaré (SP)

“Gostaria de receber, para meu filho **Gianluca Castro**, a versão impressa da Revista **Verde-Oliva** número 215/2012, devido a edição orientar como ingressar no Exército Brasileiro e de como tornar-se oficial de carreira.

Fábio de Araújo Castro
São Gonçalo (RJ)

Prezado Leitor,

Neste ano, a Revista Verde-Oliva completará 40 anos de sua criação. Obrigado pela sua participação e continue enviando-nos a sua opinião.

Equipe Verde-Oliva

Centenário de nascimento do capitão capelão



**Frei
Orlando**

100

**Anos
1913-2013**

Os artigos que se seguem, referentes ao Centenário de Nascimento do Capitão Capelão Frei **Orlando**, têm por objetivo apresentar os feitos, a vida e a morte de um herói religioso mineiro, que se notabilizou, não só por confortar almas guerreiras, mas também a de civis, por exercer a caridade em todos os momentos e por salvar vidas, levando sempre sua palavra amiga aos companheiros, trazendo a paz de Deus e esperança em momentos difíceis na campanha da Itália, durante a II Guerra Mundial.

Esses artigos foram extraídos do trabalho desenvolvido pelo Historiador Militar **Claudio Skora Rosty**, oficial do Exército Brasileiro (coronel da reserva remunerada) e Chefe

da Seção de Pesquisa Histórica do Centro de Estudos e Pesquisas de História Militar do Exército.

O referido trabalho é fruto de pesquisas em fontes primárias, arquivos e bibliotecas, bem como baseado em relatos pessoais de seus companheiros, seminaristas de Divinópolis, conhecidos das cidades de Abaeté e São João Del Rei, de amigos febianos do Regimento Tiradentes (11º Regimento de Infantaria) e, também, em pesquisa documental realizada no dossiê de **Frei Orlando**, na sede provincial dos frades Franciscanos, em Carlos Prates, no Museu da Força Expedicionária Brasileira de Belo Horizonte e no Seminário Seráfico de Santos Dumont, onde estão os uniformes, as medalhas e os terços do Frei Orlando. 

Antonio Alvares da Silva

Infância e Vida Religiosa em São João Del Rei

“Eu nunca tinha visto um frade; chegaram então em minha terra natal, três franciscanos de hábito marrom, com um capuz que achei muito engraçado, uma corda amarrada à cintura e sandálias nos pés”.

Frei Orlando (História dos Franciscanos/Riolando Azzi)



Frei Orlando e seus irmãos e pais.

Infância e despertar para a fé

Antonio Alvares da Silva nasceu na cidade de Morada Nova de Minas, no Estado de Minas Gerais, em 13 de fevereiro de 1913, filho do negociante Itagyba Alvares da Silva (Juiz de Paz) e de Dona Jovita Aurélia da Silva.

Em homenagem, recebeu o nome de seu avô por parte de pai e, no dia 18 de março, tornou-se cristão pelo batismo, realizado pelo padre João Bernardino Barone, na Igreja Nossa Senhora de Loreto.

Com seus oito irmãos mais velhos, aos três anos de idade, ficou órfão de mãe e pai. Passou a ser criado e educado por seus vizinhos Sebastião de Almeida Pinho (farmacêutico) e

Dona Emirena Teixeira Pinho (Dona Ninita), velhos amigos de seus pais legítimos.

De temperamento herdado do pai, ainda muito criança, demonstrava espírito brincalhão, jocoso e gostava de fazer os outros rirem.

O pequeno Alvares era um filho muito estimado pelos pais adotivos. Os laços de um profundo e puro afeto os ligavam, confundindo-o dentro do lar com os filhos legítimos, os quais souberam acolher muito bem o inesperado irmãozinho, que era peralta e bem-humorado. Recebeu da nova família formação moral, sentimento de fé, piedade e obediência às leis e aos mais velhos. Tinha horror à mentira e ao desânimo, tendo, inclusive, mais tarde, adotado o lema: “Gente desanimada é gente vencida”.

Em 1919, fez a Primeira Comunhão, juntamente com a sua prima “Agda”, na mesma igreja em que foi batizado. Aos sete anos, foi matriculado no Grupo Escolar Professor Rafael Barroso – hoje, Escola Estadual Frei Orlando.

Mais tarde, por iniciativa de seus pais adotivos, preocupados com a saída do professor da cidade, passou a estudar no Grupo Escolar Frederico Zacarias – hoje, Escola Estadual da cidade de Abaeté –, a 87 km ao sul de Morada Nova.

Tornou-se assíduo frequentador do catecismo, repicava os sinos da matriz Nossa Senhora do Patrocínio de Abaeté e acompanhava as procissões com turbílo incensando a todos, na intenção de bem servir à Igreja e ao vigário (**Padre Mário**).

Em 1922, tornou-se coroinha, primeiro grito de chamamento para as lides eclesásticas. Sua vocação sacerdotal surgiu mesmo aos dez anos de idade, quando conheceu três padres franciscanos holandeses, oportunidade que foi convidado para ir ao Seminário, em Divinópolis.

Na manhã do dia seguinte, pediu à professora (**D. Maria Mourão**) para sair mais cedo da aula, para pegar os cavalos, pois queria continuar os estudos em Divinópolis (172 km de Abaeté) para ser padre. Ela não acreditou. Decorridos treze anos, já como padre, voltou, procurou a professora e disse: “Peguei ou não os cavalos para ser padre”.

Servo de Deus

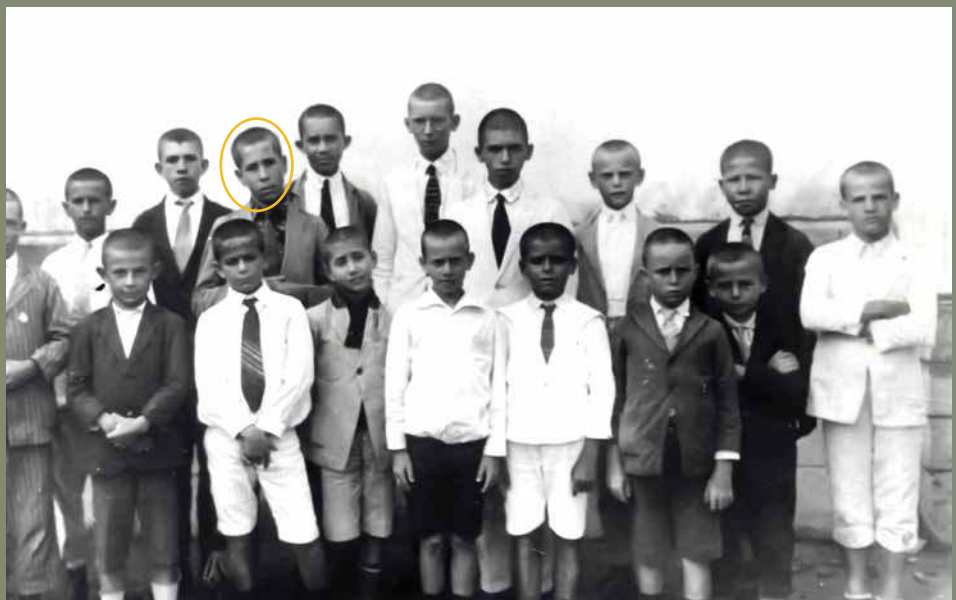
No seminário, logo recebeu vários apelidos, por seu comportamento irrequieto e dedicado: “**Antonio Merreu**” e “**Antonio Capela**”, encarando-os com espírito esportivo e zombador.

Em cinco de janeiro de 1925, aos 12 anos de idade, ingressou no Colégio Seráfico de Divinópolis (Casarão), hoje Museu Histórico de Divinópolis, para fazer o Seminário Menor (ginásio e ensino fundamental), onde recebeu formação diversificada, esportiva e recreativa.

Aos 16 anos, recebeu missiva de sua mãe adotiva informando que seu pai de adoção havia sofrido um derrame. Pela primeira vez, chorou amargamente e, em 13 de julho de 1929, o seu segundo pai veio a falecer.



Morada Nova de Minas (MG)



Colégio Seráfico – 1929

Para terminar seus estudos, seguiu para a Holanda no dia 17 de fevereiro de 1931, onde ingressou na Ordem Franciscana. Fez o sexto ano do Seminário Menor no Colégio Seráfico de Sittard e, em 7 de setembro de 1931, recebeu, no noviciado em Hoogcrutz, aquele bonito hábito marrom, com o grande cordão de três nós, representante da profissão perpétua de “obediência, pobreza e castidade”. Estudou, depois, em Venray, dois anos de filosofia e, no convento de Alverna, um ano de teologia, onde passou a adotar o nome religioso de “**Orlando**”. Em Wijchem, recebeu o certificado médico autorizando seu regresso ao Brasil.

Regressou da Holanda a bordo do navio “Highland Monarch” no final de setembro de 1935. Na primeira quinzena de novembro, os sinos de Morada Nova entoaram sons fortes e repicados, anunciando o retorno de **Antonio Alvares da Silva**, agora como **Frei Franciscano Orlando** – “primeiro frei Franciscano Mineiro”.

Atuante, impetuoso, ávido por aventuras e proativo para fazer caridade, ia ao encontro dos necessitados, não esperava



Grupo Escolar Frei Orlando – Morada Nova de Minas (MG)



Museu Histórico de Divinópolis, antigo Seminário Menor



Universidade de São João Del Rei (MG)

que lhe batessem à porta.

Antonio Alvares da Silva, como clérigo, estudante de teologia do Seminário Maior Franciscano, era brincalhão, vivia sempre sorridente e gostava de pitar um cachimbo “quilométrico”. Em 25 de outubro de 1936, foi ordenado Diácono no Seminário Seráfico de Santo Antônio de Divinópolis, com **Dom Inocêncio Engelke**.

Em 24 de outubro de 1937, dois anos após seu regresso e com 24 anos, com a presença de todos os seus irmãos, foi ordenado sacerdote franciscano no Santuário de Santo Antônio de Divinópolis, pelas mãos de **Dom Antônio dos Santos Cabral**, arcebispo de Belo Horizonte. Sua cela (quarto) foi ornamentada com cinco margaridas, presenteadas por suas irmãs. Cada flor representava uma delas.

No dia 1º de novembro, na Igreja São Francisco das Chagas, em Carlos Prates/Belo Horizonte, **Frei Orlando** celebrou a sua primeira missa, no subsolo da edificação ainda inconclusa.

Em dezembro de 1938, foi nomeado padre espiritual do Colégio de Santo Antônio, da cidade de São João Del Rei, onde deu seus primeiros passos na vida sacerdotal e marcou sua vocação à caridade e aos mistérios da igreja (Universidade Federal de São João Del Rei).



Frei Orlando – Sopa dos Pobres

A vida religiosa em São João Del Rei

A cidade de São João Del Rei passou a ser para **Frei Orlando** como um livro aberto de arte, de história e de religiosidade.

Procurou inteirar-se de tudo. Frequentemente, era visto com sua bicicleta subindo ladeiras íngremes, ruas sinuosas, becos sombrios, ávido de melhor observar, sempre arguto, auscultando, indagando. Ia fazendo amigos, envolvendo uns, cativando outros, com seu bom humor.

Como diretor na Ordem Terceira, fez parte do Corpo Docente do Colégio de Santo Antônio, onde passou a lecionar Português, Geografia e História Geral. Tornou-se um autêntico missionário da caridade, arregimentando pessoas para sua causa. Foi o criador da "Sopa dos Pobres".

Havia muitas bocas e poucos eram os pratos. Por esse

motivo, **Frei Orlando** foi ao 11º Regimento de Infantaria (11º RI), hoje 11º Batalhão de Infantaria de Montanha (11º BI Mth), ali instalado havia mais de quarenta anos. No mesmo dia, o Boletim da Unidade publicava a relação dos militares voluntários que passaram a contribuir para socorrer a prestimosa obra assistencial.

Fundou e orientou a Congregação Mariana, formada pelos alunos do Colégio Santo Antônio, ainda em São João Del Rei.

Por falta de vigário, em 1941, a bordo do vapor "Benévolo", **Frei Orlando** foi designado para pregar missões na Bahia e nas cidades mineiras de Caravelas, Alcobaça e Nova Viçosa, realizando aproximadamente cem primeiras comunhões.



Professor de Português, Geografia e História Geral



Congregação Mariana – São João Del Rei (MG)



FREI ORLANDO

A Serviço de
Deus e da Pátria

Ele merece o nosso eterno agradecimento e admiração, por ter ingressado voluntariamente no Destacamento da Força Expedicionária Brasileira (FEB), afastando-se da vida religiosa que tinha em São João Del Rei. Lutou com a cruz e com a espada. Levou a fé, a caridade e o conforto espiritual aos nossos “pracinhas” e aos italianos. Honrou o hábito dos franciscanos e a farda do Exército Brasileiro.

Incorporação

No dia 15 de março de 1944, o 11º Regimento de Infantaria (11º RI) ocupou os barracões do Morro Capistrano, na Vila Militar do Rio de Janeiro, de onde saiu somente em 22 de setembro, com destino ao Velho Mundo.

Frei Orlando apresentou-se voluntariamente e foi nomeado Capelão Militar pela Portaria nº 6.785, de 13 de julho de 1944, de acordo com o Decreto nº 6.535, de 26 de maio de 1944. Abandonou sua vida pacífica do claustro, a solidão das celas franciscanas e a paz dos templos pela vida agitada e incerta das atividades militares, a fim de atender sua

vontade de bem servir à causa do Brasil e ao santo mistério de Deus, na guerra. Declarou a um amigo que era uma missão que recebeu de Nossa Senhora e sabia que não iria voltar.

Na manhã de 20 de julho, surge, no acantonamento, risinho e feliz, aquele que, como Tenente da Companhia de Comando Regimental, levaria conforto e apoio espiritual aos guerreiros da FEB, empunhando apenas duas armas: um cachimbo e uma gaita, com a qual anunciava a hora de rezar o terço. Além da missão de defender a Pátria, levar aos combatentes a palavra de Deus, dava ânimo e motivação aos que se viam em desespero e até revoltados, ante o quadro de

caos produzido pelo próprio homem.

Na investidura de suas funções junto à tropa, celebrou sua primeira missa para o Regimento Tiradentes, em 21 de julho, em um altar tosco de madeira construído no acantonamento do Morro Capistrano.

Quando vestiu o uniforme de capelão militar no posto de tenente, sentiu a diferença. Seu garbo e sua postura impunham respeito e só era identificado como padre pelo distintivo da cruz na gola da túnica. Ao voltar fardado a São João Del Rei, procurou cumprimentar a todos pelas ruas da cidade, com tanta alegria, que parecia despedir-se de tudo e de todos. Na missa de despedida, no Templo de São Francisco de Assis, subiu ao púlpito, falou da situação da guerra e ressaltou a sua satisfação de servir a Deus e à Pátria. “Hoje é o dia mais feliz de minha vida, completei o meu ideal: sou agora, soldado de Deus e da Pátria”.



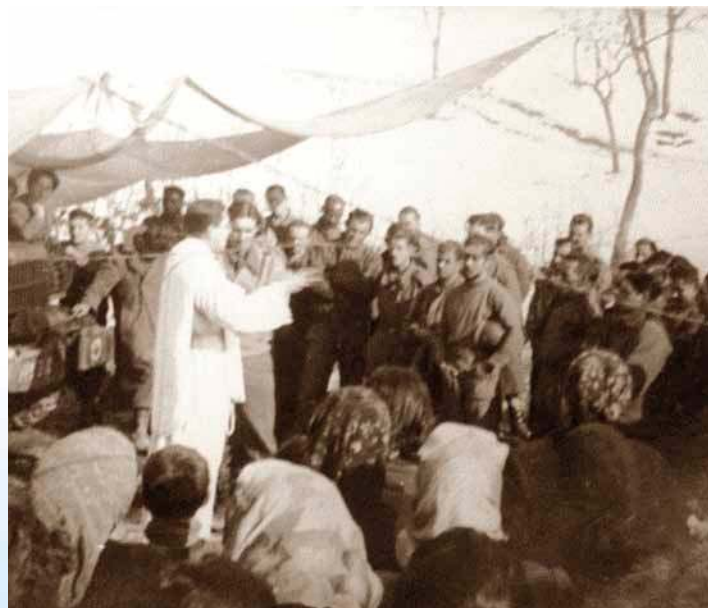
Frei Orlando – 1944

A FEB na Itália

Às 11 horas do dia 22 de setembro de 1944, o navio norte-americano “Gen Meighs” zarpou com os “pracinhas” para a Itália. Durante o deslocamento, ficaram sabendo das primeiras vitórias do destacamento da FEB no vale do rio Serchio e o destino da viagem marítima.

Apesar de pouca convivência com todos os integrantes do “Onze”, **Frei Orlando** já se apresentava perfeitamente entrosado com oficiais e praças. Celebrava missas e rezava o terço no tombadilho do navio. Para o Capelão, não havia obstáculos que o impedissem de realizar suas tarefas religiosas. Certa vez, celebrou uma missa em um dos compartimentos do navio, improvisando um altar em cima dos sacos de bagagem e utilizando sua maleta de extrema-unção, que continha todo o material necessário para o culto.

No dia 6 de outubro de 1944, os “pracinhas” atracaram no porto de Nápoles. No dia 10 do mesmo mês, embarcaram para a Ternuta de San Rossore, a oeste da cidade de Pisa, lugar com espaço suficiente para abrigar até três divisões (doze mil homens), conforme era esperado pelos norte-americanos.



Missa realizada para civis e soldados na Itália.

Navio norte-americano “Gen Meighs”





Maleta de extrema-unção



Cidade de Pisa – Local da primeira missa Oficial do Frei Orlando na Itália.

Depois de completamente instalada a capelania, os capelães celebraram a primeira missa em solo italiano, na capelinha construída pelos brasileiros. Terminadas as orações, grande surpresa, estavam rodeados de jovens em busca de alimentos. Eram italianos famintos. Era a miséria da guerra. **Frei Orlando** logo se pôs a ajudar os necessitados, com mantimentos recolhidos dos “pracinhas”. Deu conforto e esperança, dizendo que a guerra logo iria acabar.

Frei Orlando não perdeu tempo e, assim que pôde, com o auxílio de uma freira, organizou um asilo improvisado na cidade de Pisa. Não dispunha de outros recursos para mantê-lo, senão o de valer-se da caridade dos soldados. No asilo, eram lavadas as roupas dos soldados em troca de alimentos.

Em 22 de outubro, na cidade de Pisa, **Frei Orlando** rezou sua primeira missa oficial na Itália, a qual foi acompanhada por mais ou menos quatro mil soldados. Estes, em coro, encerraram a cerimônia cantando o Hino Nacional, sob o som longínquo de estrondo de canhões inimigos.

Dias depois, apareceu outro “inimigo” dos “pracinhas”. Veio de surpresa, silenciosa e deslumbrante, nunca vista por muitos brasileiros. Embranquecendo as casas, as árvores, as barracas e os morros. Era a neve, que caía brandamente, transformando a paisagem panorâmica em um lindo e grande tapete branco. Também vieram com ela o frio e o “pé-de-trincheira”.

Nos últimos dias de novembro, após o insucesso do primeiro e do segundo ataques da 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária a Monte Castello, o Regimento Tiradentes foi retirado apressadamente da situação de treinamento e enviado para a frente de combate, em substituição ao 1º Batalhão de Infantaria/1º Regimento de Infantaria.

O II Batalhão, onde se encontrava **Frei Orlando**, foi o segundo a se deslocar para as montanhas dos Apeninos, chegando à localidade de Silla, onde a capelania ocupou uma velha casa no sopé da colina.

Iniciava-se o período da “Defensiva do Inverno”. 



Período da Defensiva do Inverno.



A Morte do Capelão Militar

FREI ORLANDO

"Onde não pode entrar este hábito, também não pode e não deve entrar a farda do nosso Exército".

Frei Orlando fazia questão de estar nas primeiras linhas de combate. Não se acomodava com as incertezas da retaguarda, numa posição meramente passiva. Dizia ele que nossos companheiros não podiam tombar sem assistência espiritual. Com galochões contra a neve, encapotado e com capacete de aço e fibra enterrado na cabeça, progredia deitando-se aqui e ali para ocultar-se das vistas inimigas. Fazia questão de ver de perto as nossas posições avançadas e o estado moral dos soldados. Animava-os com seu idealismo inabalável. Dupla incumbência tomara para si nos campos sangrentos da Itália: cuidar da alma dos soldados brasileiros e socorrer as famílias famintas italianas.

Em uma noite escura e ao som de macabros obuseiros

inimigos, nasceu um "bambino", que foi batizado pelo nosso capelão e passou a se chamar "**Orlando Rafael**". Orlando, nome do capelão e **Rafael**, do comandante da Companhia de Comando Regimental. Foi o último batismo do **Frei Orlando**.

Frei Orlando e o Capitão **Rafael Rodarte** receberam cinco dias de folga para passar em Roma, ficando hospedados no hotel Excelcior, dos norte-americanos. Foram visitar o Papa Pio XII, que fez concessão especial ao **Frei Orlando**, autorizando-o a celebrar missa na Catedral de São Pedro.

Ao sair da Basílica de São Pedro, na porta do templo, disse ao seu comandante de companhia e amigo: "Meu caro **Rodarte**, penso que não voltarei ao Brasil, e se tal acontecer, quero pedir-lhe para que seja enterrado com o hábito de Franciscano e com o capuz na cabeça. Desejo, ainda,



Frei Orlando prestou, heroicamente, toda a assistência religiosa aos nossos companheiros, vítimas da guerra, no cumprimento do dever. Não se punha à retaguarda nem se conformava em ser mero expectador de um duelo. “Não posso”, dizia ele completamente transtornado. “Não posso permanecer distante dos que caem varados pelas balas, gritando pelos nomes de seus pais queridos!”

que meu altar portátil, a coleção de vida dos Papas, o meu cachimbo e a minha gaita sejam entregues aos Franciscanos de São João Del Rei”.

Frei Orlando continuava nas suas andanças pelos morros, atingindo as posições, querendo ver de perto o que se passava. Arriscou a vida por diversas vezes nessas imprudências. A fim de ser protegido dos perigos da guerra, foi deslocado para o Posto de Saúde Avançado, com o intuito de atender aos feridos que chegavam do campo de batalha. Vivia bem disposto, alegre e sempre animado e animando a todos. Dormia e acordava sorrindo, seu bom humor era contagiante.

Certa vez, nas imediações de Pisa, os oficiais o convidaram para uma “farra”, e ele dando uma bafurada de seu cachimbo,

para espanto de todos, aceitou. Foram se arrumar. Todos vieram fardados e, para surpresa deles, o capelão apareceu de hábito franciscano. Todos retrucaram, e ele respondeu: “Saibam os senhores, meus patrícios, que, onde não pode entrar este hábito, também não pode e não deve entrar a farda do nosso Exército”.

O incidente que levou à morte Frei Orlando

Na manhã de 20 de fevereiro de 1945, véspera da conquista de Monte Castello, **Frei Orlando**, depois de estar com a 4ª Companhia (4ª Cia), em Falfare, dirigiu-se ao observatório de Monte Dell Oro. Lá, manifestou ao Comandante do Batalhão o desejo de ir de Falfare até Bombiana, para visitar a 6ª Companhia (a mais bombardeada). Optou por um caminho mais curto,

porém perigoso, mas, o Comandante do Batalhão impôs-lhe o mais longo e seguro. Seguiu sozinho, a pé, marchou ao encontro da morte. A meio quilômetro de Bombiana, durante o percurso, encontrou-se com o Capitão **Francisco Ruas Santos**, que o convidou para prosseguir no seu jipe, dirigido pelo Cabo **Gilberto Torres Ruas**, que, juntamente com o Sargento **Partigiani** (membro da Resistência italiana, atuando como guia), seguiam na mesma direção. **Frei Orlando**, muito folgado, ainda contou uma passagem alegre da ocupação holandesa no Brasil, dando uma de suas costumeiras gargalhadas. O jipe seguia lentamente pelos caminhos esburacados para o ponto cotado 789, quando, de repente, se deteve sobre uma pedra. Todos desembarcaram e procuraram retirá-la, engastada no eixo dianteiro. O sargento italiano, no intuito de ajudar o capitão, que trabalhava na retirada com uma manivela, o fez desferindo forte pancada com a coroa de sua arma. Isto ocasionou um disparo acidental, que atingiu mortalmente o **Frei Orlando**. Este soltou um grito, ao mesmo tempo levou a mão ao peito. Dando alguns passos à frente, tirou seu terço do bolso do casaco, balbuciando a Ave-Maria. O Capitão **Ruas** largou tudo e saiu às pressas à procura do médico do batalhão, mas já era tarde. O italiano chorava e lamentava em prantos,



Último batismo.

agarrado ao corpo do capelão.

Às 14 horas do dia 20 de fevereiro, ao som de granadas e metralhas, o corpo de **Frei Orlando**, vestido com o hábito franciscano e o capuz, em atenção a seu último pedido em vida, foi velado por praças e alguns oficiais na Capela de Santo Antônio de Bombiana.

Às 19 horas, durante a missa de corpo presente, seu corpo foi colocado em cima de uma padiola, no chão frio da capelinha. O Capelão **Frei Orlando** parecia dormir, ninguém acreditava no que aconteceu. Todos choravam a perda inesperada do frei que sonhava um dia ser missionário na China. Perdia-se assim, abruptamente, um incansável missionário, um pregador de méritos, um escritor de talentos, um dedicado professor, um catequista emérito, um extraordinário confrade e um militar de escol.

Na manhã do dia seguinte, foi celebrada outra missa, com a assistência dos oficiais e praças do II/11º Regimento de Infantaria. Enquanto Monte Castello era consolidado e era feita a limpeza, o corpo de **Frei Orlando** era transportado para o cemitério de Pistoia, onde se alinhou junto aos demais brasileiros mortos nos campos da Itália.

Foi hasteada a Bandeira Nacional no cemitério votivo de Pistoia, no dia em que **Frei Orlando** baixou à sepultura, aos sons de repetidos disparos da guarda fúnebre. Ao som do repicar dos sinos das igrejas de Pistoia e do triste toque de silêncio, foi-se aquele que passou pela vida distribuindo gargalhadas e conforto espiritual.

Sua missa de sétimo dia foi rezada pelo **Padre Pheaney** (capelão-chefe), que deu absolvição final à estola do sacerdote e ao capacete do militar, na Igreja Matriz, em Porreta Terme, a qual estava repleta de oficiais, praças e fiéis italianos.

No dia 5 de outubro de 1960, na cidade de Pistoia, na terra adotiva dos nossos guerreiros, teve início a exumação de todos os nossos soldados, cujos despojos foram trasladados para o Rio de Janeiro. No dia 22 de dezembro, 451 soldados do Brasil se encerravam para sempre nos subterrâneos do Monumento Nacional aos Mortos da Segunda Guerra Mundial (Pantheon dos Heróis da Pátria). **Frei Orlando** voltou ao seu país natal.

“Passei pela vida sorrindo, embora tivesse motivos para chorar!”

O patrono do serviço de assistência religiosa do EXÉRCITO



O insígne Antonio Alvares da Silva, Frei Orlando, que morreu pela Pátria e por Deus no campo de batalha italiano durante a 2ª Grande Guerra, nasceu para a eternidade e teve seu nome imortalizado como Patrono do Serviço de Assistência Religiosa do Exército (SAREx).

Quando da constituição da Força Expedicionária Brasileira (FEB), **Frei Orlando** foi um dos primeiros a apresentar-se como voluntário, sendo nomeado Capitão Capelão do II Batalhão do 11º Regimento de Infantaria, sediado em São João Del Rei, na data de 13 de setembro de 1944. Sete dias depois, embarcou com a Força Expedicionária Brasileira para participar da 2ª Guerra Mundial na Itália. Partiu satisfeito, pois o seu sonho era ser missionário de Cristo e do Brasil. Foi expedicionário de sua igreja e de sua pátria.

Considerou-se justo que nossos combatentes, em plagas italianas, fossem fortalecidos espiritual e moralmente pelos capelães militares. Foram assim integrados à FEB, em seus diversos escalões, trinta padres católicos e dois pastores protestantes.

Frei Orlando granjeou o respeito e a admiração de todos os integrantes de sua Unidade por seu destemor e abnegação, além da sua luta em levar o conforto e uma palavra de encorajamento aos “febianos”, onde quer que estivessem. Sua presença era constantemente notada na primeira linha, como se lê em um trecho de carta que escreveu a seus familiares: “Desde que vim para a linha de frente, estou sempre no Posto de Saúde Avançado a fim de atender os feridos que chegam do campo de luta. De fato, vivo ‘zanzando’ por toda parte, hoje aqui, amanhã ali, dormindo ora neste, ora naquele lugar, sempre na primeira linha. Até hoje, nada sofri. Ao contrário, estou bem disposto, alegre e sempre animando a turma”. Estas palavras bem revelam a coragem e a alegria com que ele cumpria sua missão. Aliás, alegria era a sua marca registrada, cunhada por ele na célebre frase: “Passei pela vida sorrindo, embora tivesse motivos para chorar!”, que bem reflete sua atitude perante as dificuldades e os obstáculos com que se deparou durante a existência.

O Tenente **Gentil Palhares**, companheiro de **Frei Orlando** no “front” italiano, testemunha fidedigna por ter convivido pessoalmente com o grande sacerdote, no livro “Frei Orlando, o Capelão, que não voltou”, relata mais de uma ocasião em que transparece claramente o espírito ecumênico do Patrono do SAREx. Possuir espírito ecumênico, aliás, é um dos requisitos básicos para aqueles, padres católicos romanos e pastores evangélicos, que pretendam ingressar no Quadro de Capelães Militares do Exército.

Naquela fria tarde de 20 de fevereiro de 1945, os soldados brasileiros preparavam-se para outra violenta arremetida a Monte Castelo. Os combates anteriores mostraram aos pracinhas da FEB o valor do soldado alemão e permitiram que se conscientizassem de seu próprio valor. Todos esperavam o dia seguinte, conservando em suas mentes a lembrança dos companheiros mortos e feridos.

No frenesi destes trabalhos, encontramos **Frei Orlando**, armado de seu ritual e dos santos óleos, levando conforto e coragem aos nossos combatentes.



Morada Nova de Minas (MG)



Restos Mortais do Frei Orlando

As companhias do II Batalhão estavam ao pé do Monte Castelo, prontas para atacá-lo. **Frei Orlando** visitara todas, menos uma. A todo custo, queria visitá-la, queria levar o conforto de suas palavras a todo o seu rebanho, pois o dia seguinte seria o dia do ataque ao forte bastião. Foi na tentativa de alcançar a companhia que não visitara, que o **Frei Orlando** foi mortalmente ferido, entregando sua alma ao Criador.

Morre esse abnegado soldado-sacerdote, tornando-se um exemplo para aqueles que dedicam sua vida a levar uma palavra de ânimo aos irmãos de farda. Contava com 32 anos de idade. O boletim nº 52, do 11º Regimento de Infantaria (11º RI), de 22 de fevereiro de 1945, impresso em Docce, na Itália, registrou o passamento do capelão: “Foi recebida, com dolorosa surpresa, a notícia do falecimento do Capelão Capitão **Antonio Alvares da Silva (Frei Orlando)**, quando se dirigia de Docce para Bombiana, a fim de levar assistência espiritual aos homens em posição, no dia 20, quando do ataque ao Monte Castelo.

O sacerdote, que desapareceu da face da terra após ter servido com pureza de sentimento à religião e à Pátria, deixa imensa saudade no seio da organização católica a que



Culto Ecumênico realizado no 17º B Fron – Corumbá (MS) – SAREX 2013

pertencia. No 11º RI, como Chefe da Capelania, conquistou a todos pelas qualidades apostólicas. No teatro de operações, nos dias de maiores atividades bélicas, jamais deixou de levar o seu conforto espiritual ou o santo sacrifício da missa em qualquer circunstância, mostrando-se, além de religioso, um forte, um bravo, um verdadeiro soldado da Cruz de Cristo.

Seu túmulo permaneceu no Monumento Nacional aos Mortos da 2ª Guerra Mundial, Rio de Janeiro, até o ano de 2009, quando os restos mortais foram levados para São João del Rei, por ocasião do encerramento da fase diocesana de seu processo de beatificação.

Como justa homenagem a **Frei Orlando**, capelão que viveu e morreu cumprindo sua missão com tanto ânimo, fé e destemor, foi-lhe outorgado, com o Decreto nº 20.680, de 28 de fevereiro de 1946, o título de Patrono do Serviço de Assistência Religiosa do Exército, e a data de seu nascimento, 13 de fevereiro, consagrada como o Dia do SAREx.

Por ocasião do centenário do seu nascimento, e em reconhecimento aos seus grandes préstimos, o Exército Brasileiro o homenageia fazendo constar a frase **FREI ORLANDO – SOLDADO DA FÉ** em todas as correspondências e ofícios durante o ano de 2013, o que vem ao encontro da iniciativa da Igreja

Católica de proclamar este como o Ano da Fé, para levar seus fiéis a refletir sobre como a dimensão espiritual influencia a vida de cada um.

Ao reverenciarmos a figura ídita do Patrono do SAREx, este sacerdote-soldado que enobrece tanto a religião quanto a Força Terrestre, queremos homenagear também todos os capelães, padres católicos e pastores evangélicos, que integram atualmente o SAREx.

Em **Frei Orlando**, os atuais pastores de alma da Força Terrestre têm o exemplo lídimo no qual se espelhar para realizarem com êxito a assistência espiritual, moral e psicológica que prestam aos militares e a suas famílias. 🇨🇵

Culto Inter-religioso – Rio Grande (RS) – SAREx 2013



Comemorações do Centenário de Nascimento do Frei Orlando



Solenidade realizada na 1ª DE



Comemorações pela Diretoria de Patrimônio Histórico do Exército

O dia 13 de fevereiro de 2013 é especial para o Serviço de Assistência Religiosa do Exército (SAREx), pois marca o centenário de nascimento de seu patrono, **Frei Orlando**, o Capelão Militar que foi à 2ª Guerra Mundial com o objetivo de levar assistência espiritual àqueles que estavam na front de batalha.

As ações, os feitos e a vida deste herói militar religioso o distinguem na Força Terrestre, servindo de modelo e inspiração a todo aquele que se dispõe a desempenhar a missão de dar assistência religiosa, espiritual e pastoral aos militares.

Como forma de reverenciar o **Frei Orlando**, falecido no cumprimento do dever militar e religioso, o Exército Brasileiro protagonizou diversos eventos, realizados no Brasil e no exterior.

Comando Militar do Leste

No dia 19 de fevereiro, a Diretoria do Patrimônio Histórico e Cultural do Exército realizou, no Museu Militar Conde de Linhares, Seminário Comemorativo ao Centenário de Nascimento do **Frei Orlando**.

O seminário transcorreu com uma programação repleta de atividades, incluindo palestras e exposição de acervos individuais do homenageado, proporcionando aos

participantes um intercâmbio cultural pela história e um aprofundamento na obra do Patrono do SAREx.

Coroando o Seminário, foi apresentado documentário contendo diversos relatos sobre a vida e os feitos do homenageado; lançado pela Biblioteca do Exército, o Prêmio Cultural Franklin Dória, que terá como tema o Patrono do Serviço de Assistência Religiosa do Exército; e o lançamento, pelo Arquivo Histórico do Exército, do Edital do Salão de Artes Plásticas sobre o "Frei Orlando – Soldado da Fé".

O evento contou com a presença de autoridades militares, de representantes do SAREx, de historiadores e estudiosos da Força Expedicionária Brasileira, bem como de participação especial de familiares do **Frei Orlando**,

No dia 20 de fevereiro, o Mausoléu do Monumento Nacional aos Mortos da Segunda Guerra Mundial, também no Rio de Janeiro, sediou missa de ação de graças com a presença de familiares do **Frei Orlando**.

No dia seguinte, 21 de fevereiro, a 1ª Divisão de Exército realizou uma formatura, na capital fluminense, em comemoração ao centenário do patrono do SAREx e ao 68º aniversário da tomada de Monte Castelo – um dos maiores feitos do Exército Brasileiro durante a II Guerra Mundial.

Em 27 de fevereiro, o Arcebispo Militar do Brasil, Dom **Osvino Both**, celebrou uma missa campal em São João

Durante o mês de fevereiro de 2013, o Exército Brasileiro, por intermédio de suas Organizações Militares e de representações diplomáticas militares em Países Amigos, realizou solenidades em comemoração ao centenário de nascimento do Capelão Militar Frei Orlando, Patrono do Serviço de Assistência Religiosa do Exército Brasileiro, morto na 2ª Grande Guerra Mundial.



Formatura no 11º Batalhão de Infantaria – São João Del Rei/MG



Missa Comemorativa no Paraguai.

del Rei (MG), nas instalações do 11º Batalhão de Infantaria de Montanha (11º BI Mth), e reativou a Capelania Militar Nossa Senhora de Fátima no interior do aquartelamento, nomeada agora Capelania Histórica “Frei Orlando”. Estiveram presentes, o Comandante da 4ª Brigada de Infantaria Motorizada e demais autoridades civis e militares, além de parentes do **Frei Orlando**.

À noite, no Teatro Municipal de São João del-Rei, o Coronel **Cláudio Skora Rosty** proferiu palestra sobre a trajetória de vida e os inúmeros feitos do **Frei Orlando**, que sempre agiu imbuído de inquebrantável fé e de destemida coragem.

3ª Divisão do Exército (3ª DE)

As comemorações do centenário de nascimento de **Frei Orlando** foram iniciadas com celebrações religiosas na tarde do dia 19 de fevereiro: missa no Santuário Basílica Nossa Senhora Medianeira; reunião espírita no Comando da 6ª Brigada de Infantaria Blindada; e culto evangélico no Regimento Mallet.

No dia 28 de fevereiro, quinta-feira, às 16 horas, no 3º Grupo de Artilharia Autopropulsado (Regimento Mallet), foi realizada solenidade militar da Guarnição Federal de Santa Maria.

Em Países Amigos

Na Aditância de Defesa, Naval, do Exército e Aeronáutica do Brasil no México, as comemorações foram realizadas no dia 22 de fevereiro de 2013, oportunidade em que foi lido um resumo da vida do **Frei Orlando** e realizada uma missa no pátio da embaixada. Compareceram às cerimônias, autoridades civis e militares, funcionários e familiares.

No dia 20 de fevereiro de 2013, na Aditância de Defesa e do Exército do Brasil no Peru, foram prestadas homenagens ao Patrono do SAREx. A atividade contou com a presença de autoridades civis e militares, do Brasil e do Peru, com respectivas famílias. A Aditância de Defesa, Naval, do Exército e Aeronáutica em Moçambique promoveu, no dia 13 de fevereiro de 2013, com o apoio da Embaixada do Brasil, “Celebração Inter-religiosa” nas dependências do Centro Cultural Brasil-Moçambique, em comemoração ao “Centenário de Nascimento do Frei Orlando”. Estiveram presentes à solenidade, representantes de diversas crenças, autoridades civis e militares e familiares.

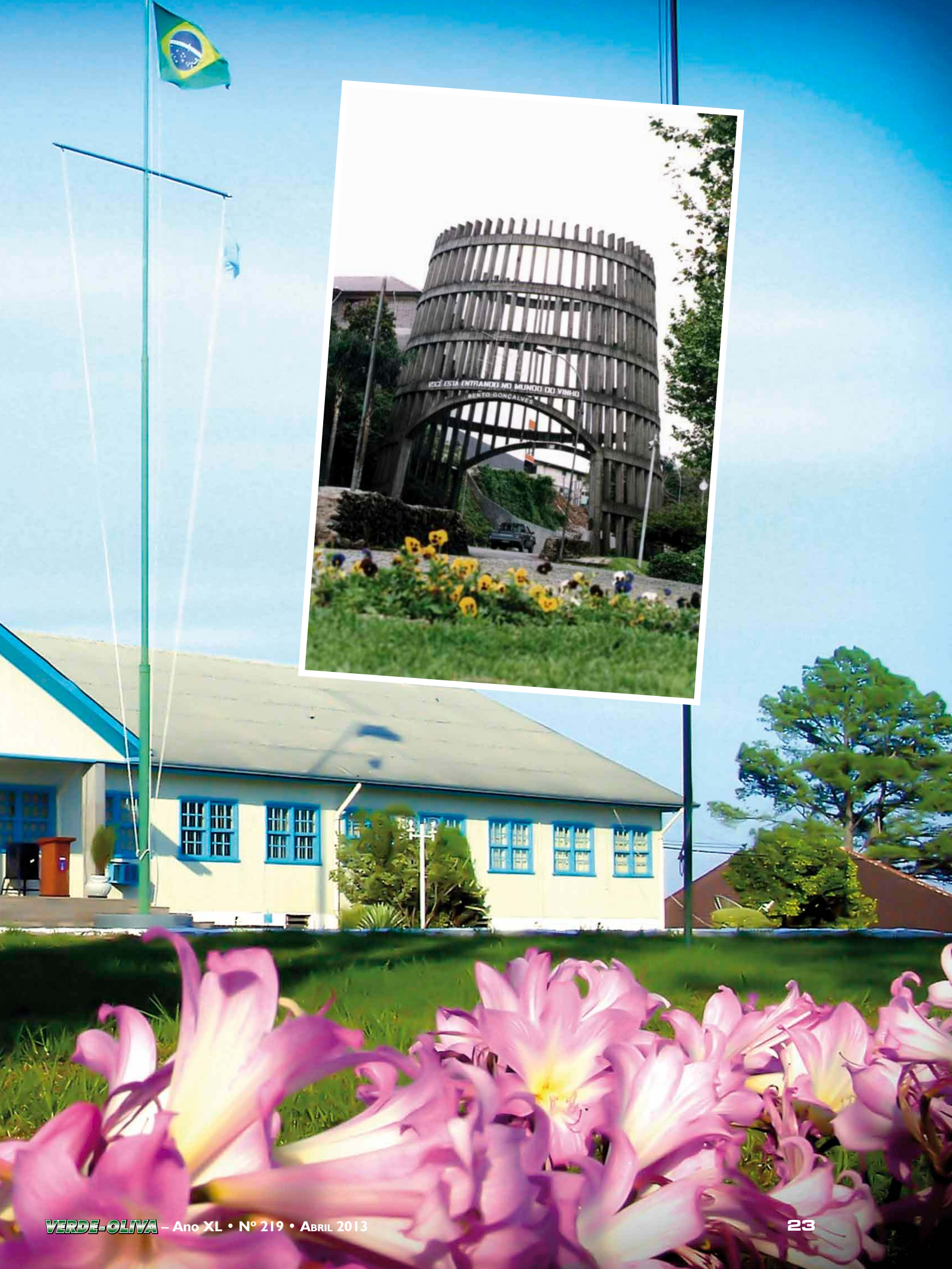
Em Assunção (Paraguai), no dia 14 de fevereiro, foi celebrada Missa Comemorativa no auditório da Embaixada do Brasil no Paraguai, da qual participaram o Cônsul Geral do Brasil, o Adido de Defesa e do Exército, integrantes da Cooperação Militar Brasileira no Paraguai, bem como autoridades civis e militares brasileiras. 🇧🇷

NOSSAS OM:

6º Batalhão de Comunicações

Com sede na cidade de Bento Gonçalves (RS), o 6º Batalhão de Comunicações (6º B Com) é a Organização Militar responsável por implementar as comunicações de campanha da 6ª Divisão de Exército (6ª DE), pela utilização de modernos equipamentos e pelo emprego de militares especializados.





As instalações ocupadas pelo 6º B Com remetem à lembrança do 1º Batalhão Ferroviário (atual 10º Batalhão de Engenharia de Construção, sediado em Lages (SC), que permaneceu em Bento Gonçalves de 25 de fevereiro de 1943 a 28 de fevereiro de 1971, quando foi substituído pelo extinto 3º Batalhão de Comunicações de Exército (3º B Com), atualmente com sede em Porto Alegre, que ocupou, provisoriamente, o aquartelamento entre 16 de março de 1971 e 22 de fevereiro de 1976.

Com a transferência do 3º B Com para a capital gaúcha, foi criado o 6º Batalhão de Comunicações Divisionário, pelo então Presidente da República Ernesto Geisel – um bento-gonçalvesense – em 11 de novembro de 1975.

Em nove de julho de 2003, alterou-se a denominação para 6º Batalhão de Comunicações. O comandante atual é o décimo oitavo oficial de comunicações a exercer o cargo desde a criação da Unidade.

A missão clássica do 6º B Com é instalar, explorar e manter o sistema de comunicações de campanha da 6ª DE, que tem sede em Porto Alegre. Para isso, o Batalhão emprega sofisticados equipamentos de comunicações e militares especializados. A Unidade apoia, também, a 8ª Brigada de Infantaria Motorizada (8ª Bda Inf Mtz), com sede em Pelotas (RS), e a Artilharia Divisionária/6, sediada em Porto Alegre, pois essas Grandes Unidades não possuem tropa de comunicações na sua organização.

O 6º B Com possui uma área de responsabilidade com 27 municípios para Segurança Integrada e Fiscalização de Produtos Controlados. Dentre os diversos exercícios e operações dos quais participa, destacam-se os Exercícios de Comando e Controle da 6ª DE e da 8ª Bda Inf Mtz, os Exercícios Táticos com Apoio de Sistemas de Simulação (ETASS), a Operação São José (exercício de PELOPEs), a Operação Jacuí (exercício de Defesa Externa em Saicã) e as Operações Fronteira Sul e Ágata. O Batalhão realiza, também, a Capacitação Técnica e Tática do Efetivo Profissional, a Instrução Individual dos recrutas e o adestramento do seu Pelotão de Operações Especiais (PELOPEs).

A Cidade de Bento Gonçalves

Situada a aproximadamente 120 km de Porto Alegre, Bento Gonçalves está encravada, em meio a parreirais, em uma das mais belas regiões da Serra Gaúcha. O nome foi dado em homenagem ao General **Bento Gonçalves da Silva**, Chefe da Revolução Farroupilha, ocorrida no Rio Grande do Sul de 1835 a 1845.

Em 1967, a cidade passou por uma grande transformação, considerada um marco histórico. Com a colaboração de lideranças dinâmicas e a ajuda de toda a comunidade, surgiu

a Festa Nacional do Vinho – Fenavinho. Por intermédio desse evento, o principal produto e a força da economia de Bento Gonçalves foram divulgados em todo o Brasil, tornando a cidade conhecida nacionalmente.

O município descobriu a sua vocação para o turismo de negócios e começou a sediar eventos de grande porte, como a Fenavinho, a Expobento, a Fimma e a Fiema. Atualmente, Bento Gonçalves conta com uma população de mais de 100 mil habitantes, possui elevado índice de desenvolvimento Humano (IDH), ocupando a sexta posição no ranking nacional e a primeira do Rio Grande do Sul. É reconhecida como um dos maiores polos moveleiros do sul do Brasil e considerada a Capital Nacional do Vinho.

O 6º B Com no Haiti e na Força de Pacificação

Em 2011, o 6º B Com foi representado na Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti (MINUSTAH). Cerca de 30 militares integraram o Pelotão de Comunicações do BRABATT 2/14, quando cumpriram missões típicas de comunicações, como o monitoramento rádio das patrulhas, o recebimento e o envio de mensagens, o apoio rádio às companhias do BRABATT 2/14, a manutenção da rede rádio do Batalhão, o apoio rádio às forças internacionais componente da MINUSTAH, a realização da manutenção e o aperfeiçoamento das redes sociais e operacionais de internet e a manutenção de equipamentos eletroeletrônicos.

A Unidade enviou, também, militares para comporem o Centro de Comunicações da FT Voluntários da Pátria da 8ª Bda Inf Mtz, que operou nos complexos do Alemão e Penha de janeiro a abril de 2012. Na oportunidade, os militares da Organização Militar (OM) foram responsáveis pelo monitoramento rádio das patrulhas, pela programação do equipamento Motorola, pela transmissão e recebimento de mensagens via internet, pelo apoio de comunicações para a FT e pela manutenção da rede de internet.

Capacitando os Recursos Humanos

A fim de obter maior rendimento do Sistema Operacional Comando e Controle, o 6º B Com planeja e coordena a Operação C2. Em uma primeira fase, militares de comunicações das 24 OM da 6ª DE são concentrados em Bento Gonçalves e recebem instruções sobre novos equipamentos, padronização de procedimentos, segurança das comunicações e tecnologias atuais.

Na sequência, retornam às suas OM para a segunda fase, ocasião em que transmitem aos seus quadros os conhecimentos adquiridos e realizam o aprestamento para o exercício no terreno. Encerrando a operação e antecedendo à manobra anual da Divisão, os pelotões e seções de comunicações de todas as OM da 6ª DE iniciam a terceira fase, com uma concentração no campo, e realizam um exercício técnico.



A Modernização dos Meios de Comunicação

O Centro de Comunicações e Guerra Eletrônica do Exército (CCOMGEx) vem dotando as unidades operacionais do Exército com meios de comunicações mais modernos e eficientes. Neste sentido, o 6º B Com foi contemplado com novos equipamentos, o que tem incrementado sensivelmente o apoio prestado pela Unidade.

No ano de 2012, o Batalhão recebeu os equipamentos rádio MPR 9600 FALCON II e RF 7800-H VHF FALCON III, fabricados pela empresa norte-americana HARRIS CORPORATION, o Sistema de Radiocomunicação Digital MOTOROLA em UHF, composto por 100 conjuntos rádio portáteis e veiculares, interfaces para transmissão de dados, cinco repetidoras e uma Estação Tática Transportável do Sistema de Comunicações por Satélite (SISCOMIS).

Com o recebimento desse material e a realização de intenso treinamento pelo pessoal, o Batalhão superou as



deficiências de meios que caracterizaram a Unidade desde a sua criação. Hoje, o 6º Batalhão de Comunicações está na vanguarda das comunicações táticas.

A Comunicação Social

A ligação entre a OM e a sociedade bento-gonçalves é grande. Reservistas do 1º Batalhão Ferroviário, do 3º

Batalhão de Comunicações de Exército e do 6º B Com reúnem-se, anualmente, para comemorar o aniversário do serviço militar obrigatório das suas classes. Nessas oportunidades, normalmente ocorre uma formatura geral com desfile, uma sessão de fotos com familiares e um jantar de confraternização, ocasião em que belas e pitorescas passagens são lembradas.

Alinhado ao Plano de Comunicação Social do Exército, o Batalhão realiza palestras em escolas públicas, distribui bandeiras, estimula a participação de estudantes em formaturas comemorativas e apoia entidades de ensino municipal e estadual, cedendo áreas para a prática desportiva.

Além disso, a Unidade participa com um estande na EXPOBENTO, feira multisetorial visitada por cerca de 200.000 turistas. Nesse evento, há exposição de fardamento, de equipamentos de comunicações e de materiais da 2ª Guerra Mundial e de Missões de Paz.

O Pelotão Curumim

O Projeto Esperança/Pelotão Curumim, criado em 1996, por iniciativa do Exército Brasileiro/6º Batalhão de Comunicações, juntamente com a Prefeitura Municipal, tem como objetivo realizar a inclusão social de 40 (quarenta) crianças e adolescentes (meninos) em situação de risco social.

Os jovens são recebidos diariamente na Sede do Pelotão Curumim, onde, após receberem o almoço, uniformes e material escolar, participam de atividades como reforço escolar, aulas de inglês, de informática, de educação física e de judô, além de atendimento médico, odontológico e psicológico.

Todas as atividades têm como objetivo proporcionar a essas crianças e adolescentes o exercício de sua cidadania, a proteção contra as diversas formas de violência, exploração e situações de risco, bem como direcioná-los a cursos profissionalizantes, que futuramente servirão para encaminhá-los ao mercado de trabalho. 



Indicadores da Excelência da Educação e do Ensino no CMF



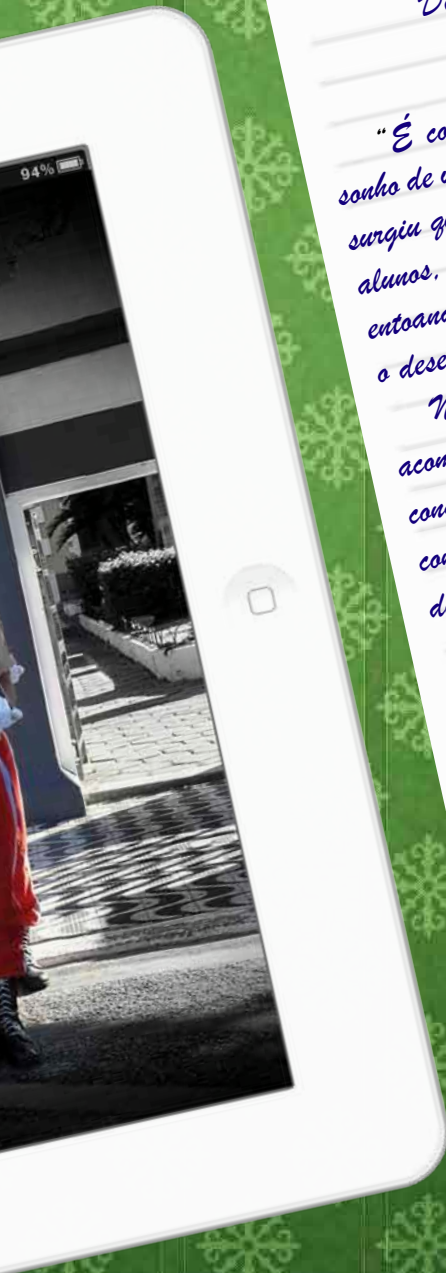
Depoimento dos pais da Aluna Ana Virginia

"É com imenso contentamento e orgulho que damos esse depoimento. O sonho de ver nossa filha Ana Virginia aprovada no concurso do Colégio Militar surgiu quando passamos a frequentar as proximidades da escola. Ver aqueles alunos, jovens pungentes e vibrantes, diariamente muito bem apresentados e entoando as canções militares com o máximo de empolgação, despertou em nós o desejo de vê-la entre tamanha disciplina.

Nesses quase cinco anos em que passamos a levantar bem cedo e a acompanhá-la nesta trajetória, aderimos a uma rotina que envolve inúmeras conquistas e realizações. Esta escola está sendo fundamental para a consolidação de seus ideais mais almejados, ideais estes descobertos ao longo dessa vitoriosa caminhada de parceira e apoio.

É por tudo isso, portanto, que temos imensa gratidão ao Colégio Militar de Fortaleza, que proporciona essa formação efetiva e, podemos afirmar, invejável, seja pelo carinho envolvido em todas as atividades do colégio, seja pela disposição que constatamos na Aninha para bem representar a Casa de Eudoro Corrêa. Nosso muito obrigado pelos resultados obtidos, pelo nosso orgulho, como pais, em dizer onde nossa filha estuda. Continuemos com esta parceria."

(Natécia Saraiva e Sílvio Frota)





*"Colégio Militar de Fortaleza
És templo de saber de alto padrão
O teu porvir refletirá a grandeza
Do que está cheia a tua tradição."*

Canção do CMF

Prof. José Fernandes

1º Sargento José Ribamar Cardoso

Laboratório de Informática.

Os versos da canção do Colégio Militar de Fortaleza (CMF) traduzem o que a instituição representa para a sociedade cearense. Mais do que um colégio, que um cenário de valores e tradições, o CMF consolidou-se como símbolo de instituição sólida, confiável e como referência em qualidade de ensino. Fato revelado nas manifestações de alunos, ex-alunos, pais e responsáveis, como é possível observar no depoimento dado pelos pais da aluna **Ana Virgínia**, do 2º ano do ensino médio.

Uma das razões para essa credibilidade remete à

estrutura de ensino, que agrega os valores do Exército Brasileiro a sua proposta pedagógica, que objetiva a formação de alunos motivados, preparados intelectual e emocionalmente para sua inserção na sociedade e aptos para o exercício pleno e consciente da cidadania.

Outro fator importante é a possibilidade de contar com um quadro de professores qualificados, com dedicação exclusiva (em sua maioria), e interessados em manter o aprimoramento de suas práticas educacionais. Esta situação é proporcionada por investimento em formação continuada, seja por parte da Diretoria de Educação Preparatória e Assistencial (DEPA), seja por meio de ações internas.

Esses fatores são relevantes e fundamentais para o papel de destaque exercido pelos colégios que pertencem ao Sistema Colégio Militar do Brasil (SCMB).

Gestão centrada na qualidade de ensino

Sabendo que um dos indicadores de qualidade de uma escola diz respeito à gestão centrada na qualidade de ensino, o CMF encontra-se completamente integrado ao Sistema de Excelência Gerencial no Exército Brasileiro (SE/EB), havendo elaborado, em 2003, sua autoavaliação, seu Plano de Gestão



Aula prática no laboratório de Biologia.

e outros recursos do processo de melhoria contínua, além de ter realizado inscrição no Prêmio Nacional de Gestão Pública (PQGF), em 2004, logrando, em 2006, o reconhecimento na FAIXA BRONZE e em 2008/2009, na FAIXA PRATA.

No cenário estadual, o CMF participou do Prêmio Ceará de Gestão Pública (PCGP), sendo reconhecido com as FAIXAS OURO, em 2009, e PRATA em 2011. O PCGP, instituído em 24 de abril de 2009, é o primeiro concurso estadual público com apoio do Governo do Estado e do Ministério do Planejamento que visa reconhecer e premiar as organizações públicas que assumirem o compromisso de mudança e realizarem autoavaliação da sua gestão continuamente.

O gerenciamento da qualidade no ensino fundamental em ações como: o reforço dos valores institucionais, o investimento contínuo nos recursos humanos por intermédio da formação continuada, a inclusão da comunidade escolar em conjunto com o comando na tomada de decisões pedagógicas e a busca da melhoria contínua do processo educacional. São ações como estas que vêm garantindo os bons resultados alcançados no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb), no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), em Olimpíadas e nos demais concursos

vestibulares do País.

Resultados nas avaliações externas de aprendizagem nacionais

Com a utilização do ENEM como forma de ingresso na maior parte das universidades do País, o CMF tem investido em uma preparação intensiva para a participação de seus alunos no Exame. A partir do 1º ano do Ensino Médio, o aluno do CMF tem contato com o estilo de avaliação proposta pelo ENEM por meio de simulados. Essa situação é ampliada ao longo do Ensino Médio, por meio das avaliações e oficinas no contraturno.

Essa imersão tem proporcionado excelentes resultados, inclusive para alunos do 2º ano do Ensino Médio. Em 2011, o Colégio Militar de Fortaleza obteve a média geral 611,6, o que lhe garantiu o melhor desempenho entre as escolas públicas do Ceará pelo 2º ano consecutivo. Além disso, é comum aos alunos do CMF os excelentes resultados nas Olimpíadas de Matemática (OBC, OBM, OBMEP, Rioplatense), de Língua Portuguesa, de Astronomia e de Robótica, no Desafio Nacional Geográfico e na Olimpíada Nacional de História do Brasil.



Alunos premiados na Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas (OBMEP).



Apresentação de Trabalhos na Feira de Ciências.



Homenagem ao Colégio Militar de Fortaleza na Câmara Municipal de Fortaleza.

Em 2007, o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep) criou o Ideb que, calculado a partir dos dados sobre aprovação escolar (Censo Escolar) e médias de desempenho nas avaliações do Inep (Saeb e Prova Brasil), permite direcionar as políticas públicas para a busca da melhoria da qualidade da educação no Brasil. O objetivo é que o Brasil alcance a média dos países da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), ou seja, evolua da média nacional 3,8, registrada em 2005, para 6,0.

O Ideb funciona, então, como um instrumento que possibilita diagnosticar a situação educacional do País e acompanhar as metas de qualidade propostas no Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE). Para esse acompanhamento, o Inep estabeleceu, a partir da realidade de cada escola, metas individuais a serem alcançadas até o ano de 2022, marco estabelecido para, mediante um esforço concentrado, o Brasil atingir a média dos países desenvolvidos.

Como as metas são definidas levando em conta o ponto de partida, ou seja, o valor do Ideb inicial, o Colégio Militar de Fortaleza, desde o início, já se encontra no patamar das escolas com uma educação de qualidade equivalente à dos países da OCDE. Em 2005, o CMF iniciou com um Ideb de 6,2 e vem, ao longo do tempo, apresentando um movimento sempre acima da média estipulada pelo Inep. Este crescimento, que faz do CMF uma escola de elevada qualidade e referência para outras instituições escolares, também representa um grande desafio, que é o de manter-se nessa categoria, em constante fluxo e melhorando continuamente a proficiência dos alunos, de modo a atingir, em 2021, a média 7,6, o que remete, mais uma vez, aos versos da Canção do CMF:

*“Somos da Pátria a fúlgida esperança
a quem toca altos louros conquistar;
nosso ideal de pelejar não cansa,
para frente, custe o que custar!”* 🇨🇲

Fotos: 1º Ten OTT Margaret Corchs
Sd EP Francisco Anderson dos Santos

Universidades Americanas admitem alunos oriundos de colégios militares

Uma das instituições mais importantes do mundo, a Universidade de Harvard, nos Estados Unidos, acaba de admitir um número recorde de brasileiros para os cursos de graduação no ano de 2013. Seis estudantes de diferentes partes do país foram aceitos para as turmas que iniciarão as aulas em agosto deste ano. Entre eles, estão dois alunos oriundos de Colégios Militares do Exército.



RENAN FERREIRINHA CARNEIRO

Natural de São Gonçalo (RJ), estudou por sete anos no Colégio Militar do Rio de Janeiro. Ao concluir

o ensino médio e por ter um histórico escolar invejável, entre outros critérios, assumiu o posto de coronel-aluno, que tem por missão comandar o batalhão escolar com cerca de 2.000 mil alunos.

Convém lembrar que o aluno, no ano de 2012, também foi aprovado em outras sete universidades estrangeiras: Princeton, Pennsylvania, Columbia, Brown, Cornell, Rochester e Yale.



VICTÓRIA JALOWITZKI DE QUADROS

Nascida em Soledade (RS), sempre estudou em escolas públicas. Devido à qualidade do ensino, ingressou, mediante concurso público, no Colégio Militar de Porto Alegre, onde estudou do 4º ano do ensino fundamental ao 3º do ensino médio, formando-se em 2012. **Victória** pretende, em Havard, estudar Economia e Ciências Políticas e, no futuro, deseja trabalhar nestas áreas no Brasil.

Assim como Harvard, outras universidades americanas admitiram brasileiros para a realização de cursos ainda neste ano. Entre esses alunos, destacam-se os seguintes ex-alunos do Colégio Militar de Porto Alegre:



LUCAS GABRIEL DE BARROS SILVA

Formado em 2012, foi selecionado para a conceituada University of Pennsylvania, onde pretende frequentar o curso de Engenharia Química. Também foi aceito para a Northwestern University.



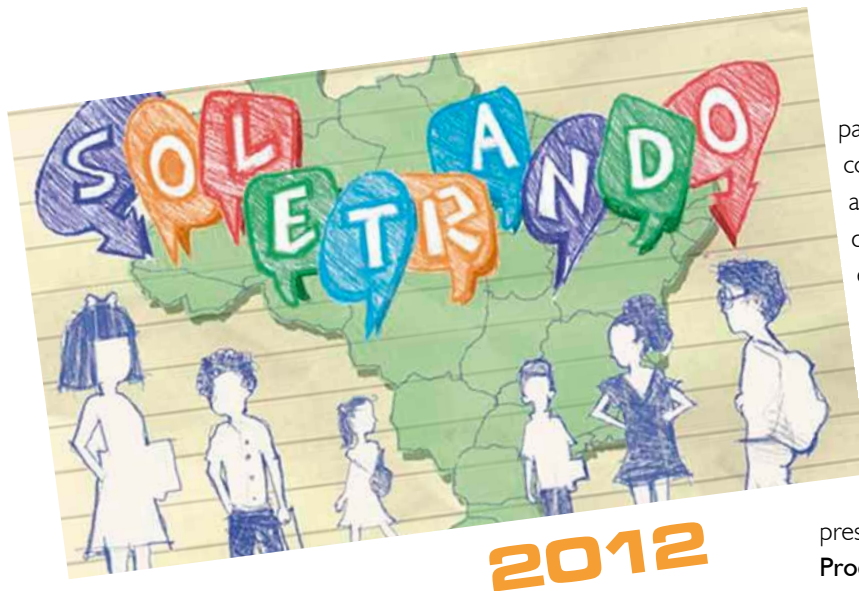
MATEUS OZORIO BRUNO

Formado em 2011, foi selecionado para a não menos conceituada Duke University.



A sexta edição do Soletrando 2012 foi inédita, pois teve como finalistas três alunos do Sistema Colégio Militar do Brasil, representando os estados de Pernambuco, Bahia e Rio Grande do Sul.





O Soletrando, apresentado por **Luciano Huck**, no programa Caldeirão do Huck, vem garantindo audiência desde 2007. O quadro, criado com o objetivo de incentivar o estudo da língua portuguesa, e, na última edição, ofereceu ao vencedor o prêmio de 100 mil reais, para ser aplicado nos estudos.

A competição consiste em apresentar aos participantes, palavras da nossa língua as quais eles devem soletrar corretamente. À proporção que o candidato vai acertando, as palavras vão ficando mais difíceis e a competição exige que os concorrentes tenham concentração, boa memória e, é claro, conhecimento.

Em 2012, embora veiculado publicamente uma semana após a gravação do programa, compareceram ao evento, na cidade do Rio de Janeiro (RJ), delegações dos colégios finalistas constituídas por alunos, pais e profissionais.

A final do programa contou, também, com a presença de convidados especiais: o acadêmico **Domício Proença Filho**, a analista de educação **Patrícia Goulart** e o vencedor do Soletrando 2011, **Izael de Araújo**.

O fato de o programa não ser ao vivo surpreendeu os integrantes dos colégios envolvidos. Na estada no Rio de Janeiro, todos os Colégios Militares se comprometeram informalmente a não divulgar publicamente o resultado até a veiculação final do programa. Apesar de lá haver cerca de 120 adolescentes ávidos pelas redes sociais, o compromisso foi integralmente honrado, sendo mantido o sigilo





até o dia marcado.

No dia 22 de setembro, a final do Soletrando 2012, da Rede Globo de Televisão, foi espetacular e empolgante. A sexta edição do quadro teve como finalistas três alunos do Sistema Colégio Militar do Brasil, da qual se sagrou campeã a aluna **YASMIN BÖHM LEWIS ESSWEIN**, do Colégio Militar de Porto Alegre (CMPA); em segundo lugar, o aluno **RODRIGO SILVA FERREIRA**, do Colégio Militar de Salvador (CMS); e, em terceiro lugar, o aluno **IVAN BARROS**, do Colégio Militar do Recife (CMR).

Yasmin Böhm Lewis Esswein, aluna do CMPA

Com 14 anos, aluna do 9º Ano do Colégio Militar de Porto Alegre (CMPA), no dia 22 de setembro, conquistou o título de campeã nacional do programa Soletrando 2012. Na finalíssima do programa, competiu com alunos do CMS e do CMR, em um emocionante e inédito embate entre três unidades do Sistema Colégio Militar do Brasil (SCMB).

Yasmin conquistou o direito de representar os gaúchos, em outubro de 2011, após disputar com mais 25 candidatos à etapa estadual do quadro e sagrar-se vencedora do certame.

Integrante da Legião de Honra, alamarada, 2º Sargento-Aluna do Batalhão Escolar e destaque em outras competições intelectuais, a jovem aluna também se sobressai por ser querida

e admirada por seus colegas e professores. A propósito, durante todas as fases do Soletrando, incluindo a disputa interna no CMPA, **Yasmin** nunca errou uma só soletração, o que bem evidencia todo o seu preparo e competência.

Além do título e do prêmio de R\$ 100.000,00, conquistou também os milhões de telespectadores por sua simpatia, graça, beleza e espontaneidade. No início de dezembro, parte do prêmio foi doada por **Yasmin** ao Pão dos Pobres, entidade assistencial de Porto Alegre.

Sempre procurou compartilhar a emoção da vitória com alunos, pais e amigos. Assim, durante a veiculação do programa fez questão de assistir em um telão montado no CMPA. No final do programa, embora já se soubesse o resultado, a vibração, a alegria e o orgulho estavam expressos no rosto de cada um dos presentes, sendo que alguns não conseguiam esconder as lágrimas.

O momento ímpar mereceu uma queima de fogos de artifício no pátio do CMPA e serviu, também, para que fossem tiradas “n” fotografias com a grande vencedora do Soletrando, que a todos atendeu com a simpatia que lhe é característica.

A repercussão nacional da vitória no Soletrando 2012 fez com que **Yasmin** recebesse diversas homenagens locais, estaduais e nacionais, como, entre outras, o destaque nos 50 anos da RBSTV, o Troféu Destaque Gaúcho nos 14 anos



da UNITV e o Troféu Destaque nos 20 Anos da Mulher no Exército, oferecido pelo Clube Militar.

Rodrigo Silva Ferreira, aluno do CMS

O interesse pela linguagem permite trabalhos no campo de várias ciências como a Filosofia, Linguística, Semiótica, Sociologia e outras; esse encantamento com as palavras pode começar na família ou na escola, como aconteceu com **Rodrigo Silva Ferreira**, aluno do Colégio Militar de Salvador, que chegou à final do Programa Soletrando.

Rodrigo tem 16 anos e ingressou no Colégio Militar em 2009, após prestar pela segunda vez o concurso de admissão. Filho dos engenheiros químicos **Sérgio Luis Corrêa Ferreira** e **Helianildes Silva Ferreira**, dedica-se a várias tarefas. "Ele parece que tem um expediente a cumprir, os dias dele são planejados e tem hora pra tudo, a iniciativa sempre é dele, nós só damos o apoio necessário", diz orgulhosa a mãe do aluno, cujo sonho é tornar-se um Engenheiro Aeronáutico.

Rodrigo atua na Tutoria, um programa de acompanhamento entre alunos; dedica-se a olimpíadas na área das ciências; participa da Legião de Honra; tem a prerrogativa de usar o alamar, pois mantém a média bimestral acima de 8,0, em todas as disciplinas; toca na banda do colégio e ainda pratica

esporte; mas essa rotina movimentada não o impediu de trabalhar para representar o CMS no Soletrando.

É um rapaz calmo, que conta com o carinho de seus colegas de classe e o apreço de seus professores. No Batalhão Escolar, ocupa, por mérito intelectual, o posto de 1º Tenente-Aluno. "Dedicação é a marca registrada de **Rodrigo**, durante várias tardes pude vê-lo estudando ao lado da professora, ambos munidos com o dicionário, o vocabulário ortográfico da língua portuguesa e um computador, eles foram incansáveis", afirma o Tenente-Coronel **Carvalho Lima**, Chefe da Divisão de Ensino do CMS.

Como as grandes batalhas não são vencidas por heróis solitários, o aluno **Rodrigo** contou, desde o início do projeto, com a cuidadosa preparação da Professora **Ana Isabel Duarte Machado**.

No ano de 2012, participaram das eliminatórias regionais, os 27 estados brasileiros, divididos em três grupos. De cada grupo de competidores saiu um finalista. No dia 18 de agosto, **Rodrigo** garantiu ao estado da Bahia a participação na final, sagrando-se vencedor do primeiro grupo.

Na emocionante final, a palavra "êxedra", constante da lista das superdifíceis, de acordo com o Professor **Sérgio Nogueira**, venceu o nosso guerreiro das palavras. Mas

ninguém encarou aquilo como uma derrota, pois o que realmente nos marca é o exemplo de dedicação desse aluno que para sempre estará na história do Colégio Militar de Salvador.

Ivan Barros, aluno do CMR

Pela terceira vez, em seis edições do Soletrando, o CMR teve um aluno representando o estado de Pernambuco. Isso se deve ao trabalho realizado no início do ano letivo, quando todos os matriculados do 6º ao 8º ano participam de uma avaliação interna, da qual se escolhe um desses alunos para representar o colégio na seletiva estadual.

A trajetória do aluno **Ivan** iniciou-se em junho do ano de 2010, após uma seletiva interna realizada no colégio, e teve como resultado a vitória sobre outros alunos de escolas públicas de Pernambuco por dois anos consecutivos, o que lhe rendeu o bicampeonato estadual.

Com equilíbrio e total serenidade, que lhe são peculiares, sagrou-se campeão na etapa estadual, passando a intensificar sua preparação para a etapa final na cidade do RJ. Já nesta fase, o **Capitão André**, professor de Língua Portuguesa do CMR, intensificou os estudos e orientações quanto à etimologia e evolução histórica das palavras da Língua Portuguesa.

O comportamento do aluno **Ivan**, em sala de aula, destaca-se pela dedicação, participação e pelo bom humor; entretanto, na hora de estudar, ele leva tudo muito a sério e sempre ajuda os companheiros em dificuldades, em diversas disciplinas.

A sua presença na grande final do Soletrando, e o fato de envolver três Colégios Militares, uniu os discentes e docentes do CMR em um mesmo espírito de torcida, de orgulho e júbilo pela excelente atuação do aluno, que no confronto final enfrentaria dois concorrentes de peso.

Após algumas rodadas, o aluno **Ivan** foi eliminado da final, obtendo o 3º lugar no Soletrando, porém a sua participação foi destacada, pois o resultado é fruto de uma preparação devotada e de um trabalho intenso. Demonstrou grande capacidade intelectual e ressaltou importantes atributos morais que já fazem parte de sua personalidade.

Segundo o Comandante do Colégio Militar do Recife, este tipo de competição estimula os alunos a se posicionarem assim como fez **Ivan**, por intermédio do estudo sistemático da língua portuguesa.

O reflexo para o CMR em ter na sua história dois alunos que foram finalistas do programa é o estímulo para o estudo do vernáculo português, particularmente para aqueles que se interessam pelo assunto, facilitando, também, a absorção de outras disciplinas, pois cada uma tem linguagem própria.

Parabéns, **Ivan**! Sua dedicação e seu esforço deixam orgulhosos os integrantes de todo o Colégio Militar do Recife e servem de exemplo a todos os jovens brasileiros.

Momentos de grande emoção

Através das opiniões recolhidas entre a torcida organizada e entre os incontáveis depoimentos postados nas redes sociais, foi possível identificar alguns momentos marcantes que mais emocionaram os telespectadores da Família Garança.

No início, o inédito e marcial ingresso dos finalistas – três alunos de Colégios Militares – ao som da Banda de Música do Colégio Militar do Rio de Janeiro. Após, toda a plateia composta por alunos e profissionais do SCMB – um verdadeiro “mar garança” predominando no programa e sendo assistido por todo o Brasil e em alguns países vizinhos.

Por fim, os três Colégios Militares entoando o Grito de Guerra “Zum Zaravalho”, em uníssono, foi a chave de ouro para o fecho de emoção e orgulho de todos. Depois da vitória da aluna do CMPA, este foi o fato que mais emocionou os telespectadores da Família Garança, especialmente os ex-alunos.

Repercussão nas redes sociais

Foi intensa a repercussão da final do programa nas redes sociais, com três finalistas alunos de Colégio Militar e da vitória da Aluna **Yasmin**, principalmente no Facebook e no Twitter. Alunos, pais, amigos, profissionais, ex-alunos e cidadãos comuns ali colocaram mais de três mil depoimentos e fotos expressando alegria e satisfação com os alunos finalistas, com o CMPA, com o ensino no Sistema Colégio Militar do Brasil e com o Exército Brasileiro.

Entre os ex-alunos e ex-profissionais de todos os tempos, o sentimento de orgulho pela vitória de uma aluna do Velho Casarão da Várzea foi a tônica constante.

Divulgação nacional do SCMB

O concurso Soletrando 2012, ao ter três alunos do Sistema Colégio Militar do Brasil em sua final, tornou-se um vetor de divulgação nacional da excelência educacional dos Colégios Militares. Esse fato foi potencializado pelo carisma e pela figura cativante de cada um dos finalistas, características que contribuíram para evidenciar que os alunos da Família Garança são crianças e adolescentes como todos os demais estudantes brasileiros.

O Sistema Colégio Militar do Brasil confirmou, mais uma vez, a excelência do ensino oferecido aos alunos nos Colégios Militares.

A educação, característica indelével, foi salientada com o garbo com que os alunos se apresentavam em cada episódio do programa e, ainda, na correção de atitudes no trato com todos, demonstrando o quanto as tradições mais nobres, os valores e princípios éticos e morais, que são caros ao Exército Brasileiro, são desenvolvidos nos alunos em cada estabelecimento de ensino do Sistema Colégio Militar do Brasil. 



Curso de mediação e gerenciamento de cessar-fogo das

NAÇÕES UNIDAS

Realizado pela Organização das Nações Unidas e pelo Centro de Defesa Internacional da Noruega, em Oslo (Noruega), o curso foi o treinamento pioneiro para a formação de especialistas no assunto.

A mediação e a negociação, inseridas em um processo para pôr fim às hostilidades e produzir acordos de cessar-fogo, são fundamentais para o gerenciamento das atividades de transição da guerra para a paz. Entretanto, hoje, há poucos especialistas no assunto e, ainda, escassa literatura específica. Soma-se a isso o fato de que acordos de cessar-fogo têm se tornado cada vez mais complexos e de difícil produção. Atualmente, além de buscar o fim dos confrontos entre as forças oponentes, visam, ainda, a proteção de civis e a produção das bases para acordos políticos.

Ciente desses desafios, a Organização das Nações Unidas, por meio do seu Departamento de Assuntos Políticos (*Department of Civilian Affairs*), em cooperação com o Centro de Defesa Internacional da Noruega (NODEFIC), realizou, no período de 16 a 27 de abril de 2012, na Fortaleza de Askenshus, em Oslo, Reino da Noruega, o seu primeiro curso para a

formação de especialistas em mediação e gerenciamento de acordos de cessar-fogo.

O curso contou com a participação de trinta alunos, de vinte e duas nacionalidades, entre civis e militares, sendo quatro provenientes do Brasil. O Exército Brasileiro foi representado por um oficial da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (EsAO).

O Novo Cenário de Conflitos

O fim da Guerra Fria marcou a mudança de uma situação política bem definida, entre dois blocos antagônicos, ideologicamente bem diferenciados, e com uma postura estratégica bem demarcada, para um ambiente político e estratégico qualitativamente diferente, marcado pela ausência de ameaças bem caracterizadas e pela quase inexistência de inimigos estatais declarados.

Com o fim da cortina de ferro, embora a ameaça de um conflito de alta intensidade Leste-Oeste tenha praticamente desaparecido, ainda havia um cenário de instabilidade política e de conflitos internos (intraestatais) em algumas zonas da





Europa, da África, do sudeste asiático e do Oriente Médio. O antigo período da bipolaridade funcionara, de certa forma, como um fator estabilizador, pois tanto os Estados Unidos da América como a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas tratavam de conter eventuais disputas dentro das suas respectivas áreas de influência.

Assim, passou-se de um cenário estático e vertical, composto por atores racionais e previsíveis, para um cenário mais difuso e de horizonte dinâmico, marcado por uma reorganização das alianças e pela participação ativa de atores não estatais nos conflitos armados. Sobretudo, com o fim da Guerra Fria, o paradigma da guerra industrial foi sendo, progressivamente, substituído por um novo paradigma, que vem sendo chamado de guerra em meio à população (*War Amongst the People*).

Nessa nova realidade, os movimentos nacionalistas radicais, os conflitos étnicos, as migrações populacionais, a proliferação de armas de destruição em massa, o crime organizado, o terrorismo internacional, o fundamentalismo religioso, as agressões ao meio ambiente e a interrupção do suprimento de recursos vitais são caracterizados como sendo as novas ameaças a serem enfrentadas. Os confrontos ocorrem, agora, em ambientes altamente povoados e envolvem, com frequência, grupos armados não estatais.

Assim, os desafios impostos para a cessação de hostilidades se tornaram ainda maiores. Acordos de cessar-fogo, atualmente, envolvem um espectro variado de assuntos, que incluem não só o desengajamento das forças beligerantes, como, ainda, um amplo processo de desmobilização de ex-combatentes, proteção de civis, demarcação de fronteiras, meio ambiente, violência sexual, entre outros.

Formando Novos Especialistas

O objetivo geral do curso foi proporcionar aos participantes as ferramentas necessárias para a mediação e

para o gerenciamento de acordos de cessar-fogo dentro da nova realidade apresentada. As atividades se concentraram no desenvolvimento de habilidades específicas, nos trabalhos em equipes e na construção de conhecimento.

O desenvolvimento das habilidades específicas foi alcançado pela prática de mediação e de negociação, pelo estudo dos diferentes tipos de acordos de cessar-fogo em vigor, pela construção de esboços de acordos e, ainda, pela criação de ferramentas para a implementação e para o monitoramento de acordos de cessar-fogo, em um cenário de pós-conflito.

Os trabalhos em equipe, por sua vez, mostraram-se essenciais para viabilizar acordos com variada gama de assuntos. Alunos de diferentes formações acadêmicas, profissionais, nacionalidades e religiões foram divididos em grupos de trabalho. As tarefas executadas pelos grupos eram auxiliadas e avaliadas pelos instrutores.

O pioneirismo do curso e a escassez de material didático sobre acordos de cessar-fogo foram determinantes para que as atividades executadas pudessem compor uma base sólida de conhecimentos. Dessa forma, todo material intelectual produzido, por meio dos trabalhos e palestras, servirá para a confecção de manuais e apostilas de mediação e de gerenciamento de acordos de cessar-fogo.

Dividindo Experiências

O conhecimento teórico foi enriquecido pela experiência de campo trazida por pessoas envolvidas na resolução de conflitos recentes. Palestras e estudos de caso abordaram, em especial, os confrontos no Kosovo, na Somália, no Sudão, na Líbia, no Sri-Lanka, no Nepal e, de uma forma mais genérica, na Síria. O objetivo foi apresentar a complexidade desses conflitos, bem como as dificuldades encontradas nas diversas fases de elaboração e implementação dos acordos de cessar-fogo.

No caso do conflito no Nepal, por exemplo, houve palestras com o mediador-chefe do acordo de cessar-fogo, bem como com o então comandante do Exército Nepalês, à época das negociações de cessar-fogo. Dessa forma, os alunos puderam observar não só os obstáculos vivenciados para a elaboração do acordo, por parte da equipe de mediadores, como, também, as expectativas e frustrações de uma das partes do conflito.

Mereceu destaque, ainda, uma palestra com o Comandante da extinta Força de Paz da Missão de Supervisão das Nações Unidas na Síria (UNSMIS), General **Robert Mood**, que destacou os desafios e as implicações do desdobramento de uma missão de paz, sem um acordo de cessar-fogo formal em vigor. Segundo ele, as atividades de monitoramento e de ajuda humanitária na Síria ficaram seriamente prejudicadas diante da inexistência de diálogo entre as partes, o que foi determinante para a retirada dos observadores e, ainda, o fim da missão.

Exercício Final

Os dois últimos dias de curso foram reservados para um exercício de simulação. A partir de uma dada situação geral, envolvendo dois lados em conflito, os alunos, divididos em quatro grupos, foram inseridos em um ambiente de mediação de cessar-fogo e tiveram que desempenhar diferentes tarefas. O objetivo do exercício foi elaborar três capítulos de um acordo de cessar-fogo. Dois grupos representaram as partes beligerantes, um grupo mediou os diálogos para a confecção do acordo e o último representou as organizações de ajuda humanitária, desdobradas na zona de conflito.

O primeiro capítulo a ser elaborado versava sobre desengajamento de tropas, o segundo sobre desmobilização de combatentes e o último sobre a composição e as responsabilidades da Equipe Conjunta de Monitoramento. As conversações foram intensas e, algumas vezes, tensas. Houve momentos em que um dos partidos se recusou a prosseguir nos diálogos, por desacreditar no comprometimento da sua

contraparte no processo de paz. A neutralidade do grupo que representava as agências humanitárias das Nações Unidas foi, ainda, colocada em questão e, assim, as negociações ficaram muito comprometidas.

Ao final, acordou-se somente a respeito dos dois primeiros capítulos, tendo o segundo ficado em aberto por falta de consenso das partes. O exercício se mostrou bem próximo da realidade, segundo a equipe de instrutores. Alguns deles, inclusive, citaram situações reais semelhantes às que foram vividas em sala de aula.

Considerações Finais

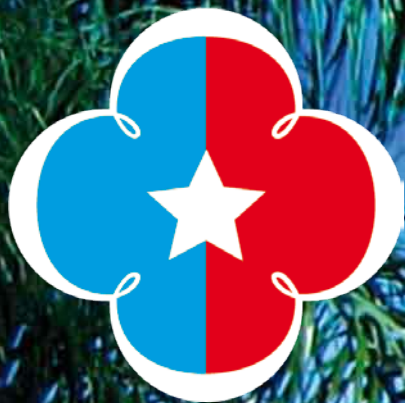
As duas semanas de aulas, palestras, exercícios e debates em Oslo mostraram-se muito produtivas para a formação de especialistas em acordos de cessar-fogo. Ficou, entre os alunos, a compreensão da complexidade da tarefa e, também, da sua importância para a construção de um processo consistente de paz. Os organizadores do curso, por sua vez, entendem que duas semanas são um espaço de tempo insuficiente para que a formação seja completada. Estudam, portanto, a criação de um curso avançado complementar, de carga horária e assuntos ainda não definidos.

A riqueza das diferentes experiências profissionais foi decisiva para o alto nível dos debates e dos trabalhos. Muitos alunos já haviam participado, por exemplo, de missões de paz e trabalhos humanitários em regiões de conflitos. Outros trouxeram expressiva bagagem técnica e acadêmica no campo das relações internacionais e dos conflitos armados. Por parte do autor, a experiência como observador militar no Sudão, entre março de 2010 e março de 2011, foi determinante para uma boa compreensão dos ensinamentos, sobretudo para projetar a viabilidade da implementação de alguns termos do acordo discutidos em sala de aula.

Por fim, acredita-se que os conhecimentos adquiridos são de aplicação imediata para a formação dos contingentes brasileiros designados para missões de paz da ONU, em especial para observadores e oficiais envolvidos nos trabalhos de estado-maior. Esses militares têm participação ativa na construção do processo de paz, seja por meio das atividades de monitoramento, seja promovendo, por meio da mediação e da negociação, o diálogo e a cooperação entre as partes em conflito. A adequada preparação dos contingentes de força de paz é importante, não somente para o cumprimento das tarefas impostas, mas, sobretudo, em se tratando de operações das Nações Unidas, para a projeção do Brasil no cenário internacional. 🇧🇷

Flavio Américo dos Reis – Cap Cav
Atualmente, é Comandante do 8º Esqd C Mec
Porto Alegre (RS).





Localizada em Cruz Alta (RS), a Escola de Sargentos das Armas (EASA), em 2013, ao completar 20 anos de existência, consolida-se como centro de referência no aperfeiçoamento de sargentos para o Exército Brasileiro.



ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO
DE SARGENTOS DAS ARMAS
CRUZ ALTA/RS

DUAS DÉCADAS APERFEIÇOANDO SARGENTOS PARA O EXÉRCITO.



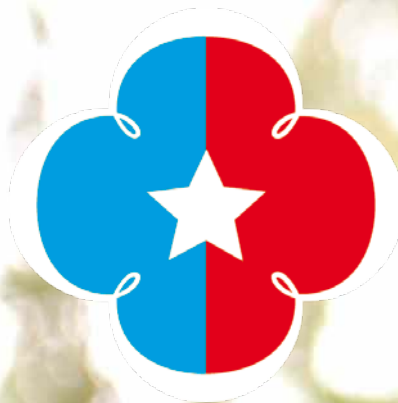


Foto: S.Ten Correa/CCOMSEX

O sargento é o militar responsável pelo recebimento, interpretação e aplicação prática das ordens do escalão superior. Dessa forma, constitui a espinha dorsal do Exército Brasileiro, com função de assessorar o comando e liderar os soldados, que depositam a confiança e até mesmo a vida em suas mãos. Ele desempenha o papel fundamental de monitor, líder, guia e companheiro mais velho e experiente, que orienta, auxilia, aconselha e ensina os seus comandados sobre o “que”, “quando” e “como fazer”.

O aperfeiçoamento representa um ponto de inflexão na carreira do sargento. É realizado aproximadamente 10 anos após a formação, quando o militar já possui bastante experiência e vivência na sua profissão. Durante esse período, o militar atualiza e amplia conhecimentos obtidos na formação, necessários para o desempenho de funções de maior complexidade.

A ideia da criação de uma nova escola para conduzir o aperfeiçoamento dos sargentos do Exército é bem antiga. Até então, o curso era realizado de forma descentralizada nas diversas Unidades de tropa espalhadas pelo Brasil. Nessa época, o Curso de Aperfeiçoamento de Sargentos (CAS)

possuía uma duração de quase seis meses, com ênfase na revisão de conhecimentos obtidos durante a formação, como o uso dos armamentos e equipamentos militares e o emprego tático da sua qualificação militar.

No ano de 1984, houve a aprovação das diretrizes para funcionamento do CAS e do Curso de Habilitação ao Quadro Auxiliar de Oficiais (CHQAO) em um estabelecimento de ensino.

Após algumas experiências frustradas levadas a efeito pelo Exército, ao longo de muitos anos, na busca de solução adequada para o aperfeiçoamento de seus sargentos das armas, com a transformação do 17º Batalhão de Infantaria (17º BI) em batalhão de selva e sua transferência para Tefé (AM), surgiu a oportunidade para a criação do novo centro de instrução nas instalações do antigo aquartelamento, em Cruz Alta.

Embora a criação oficial de uma nova escola para o aperfeiçoamento dos sargentos tenha ocorrido em 10 de julho de 1992, as atividades de gerenciamento do projeto de implantação do CIAS-SUL foram iniciadas ainda na



primeira metade de 1992, pelo Comandante do 17º BI, primeiro Gerente do Projeto, em decorrência da previsão de transferência do Batalhão.

Denominado Centro de Instrução e Aperfeiçoamento de Sargentos do Comando Militar do Sul (CIAS-SUL), o novo estabelecimento de ensino foi concebido inicialmente para atender às necessidades do CAS das armas de Infantaria, Cavalaria, Artilharia e Engenharia, no âmbito do Comando Militar do Sul, decorrente da necessidade de retirar o encargo das Unidades de tropa que, por vezes, eram desviadas de sua missão prioritária.

As atividades foram iniciadas em 1º de fevereiro de 1993 e o primeiro semestre do ano foi inteiramente dedicado aos trabalhos de estruturação do novo estabelecimento de ensino, de adaptação das instalações existentes e de adequação dos quadros de pessoal às necessidades indispensáveis à atividade-fim do centro.

Finalmente, entre os dias 12 de julho e 26 de novembro de 1993, o primeiro CAS foi realizado. O efetivo inicial foi de

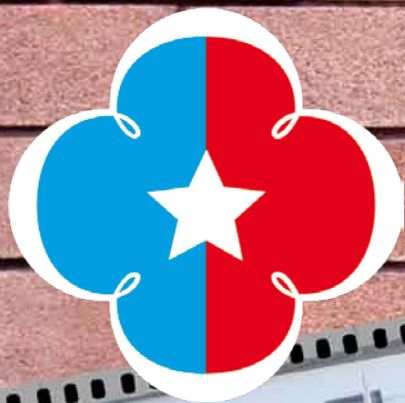
196 sargentos das armas de Artilharia e Cavalaria.

Evolução

A valorização do sargento está presente nas origens da EASA, constituindo-se no principal motivo para a criação de uma escola totalmente nova. O sargento de hoje não é o mesmo de algumas décadas atrás, pois, atualmente, sua importância em todos os aspectos da carreira militar e seu papel de elo fundamental entre o comando e a tropa foram ampliados.

O CAS influencia a compreensão dos sargentos alunos sobre a própria carreira, dando-lhes uma visão global e mais profunda do Exército e conscientizando-os da importância do assessoramento que poderá prover por meio do conhecimento e da experiência adquirida durante a sua carreira.

Muitos avanços já ocorreram na carreira do sargento desde que a EASA foi criada. Em muitos deles, a escola



*Distintivo do curso de
Sergeant Major*



Instrução em Santa Maria (RS)



Exercício no Terreno em Cruz Alta (RS)



Simuladores no Centro de Instrução de Blindados – Santa Maria (RS)

teve papel fundamental, como no caso da possibilidade de habilitação em línguas estrangeiras, uma solicitação do CIAS-SUL, que permitiu ao sargento realizar cursos no exterior, como o curso de *Sergeant Major*, junto ao Exército dos Estados Unidos da América.

Embora fosse uma proposta a ser executada em todos os comandos militares de área, o CIAS-SUL foi o único que existiu. O sucesso da experiência em Cruz Alta fez a ideia evoluir para uma única escola, já a partir de 1994, centralizando o aperfeiçoamento dos sargentos das armas do Exército Brasileiro. A subordinação do CIAS-SUL foi alterada, naquele mesmo ano, do Comando Militar do Sul para a Diretoria de Formação e Aperfeiçoamento (DFA), estabelecendo-se, então, de forma definitiva, como o mais novo estabelecimento de ensino do Exército. Ainda em 1994, funcionaram pela primeira vez os CAS de Infantaria, no primeiro turno, e de Engenharia no segundo turno.

Durante a realização dos primeiros turnos do CAS, prosseguiu-se trabalhando na nova Organização Militar (OM), visando a sua completa estruturação. Foram realizadas obras de recuperação e adaptação do aquartelamento e obtenções

dos materiais e equipamentos de dotação, bem como elaborados estudos para o aperfeiçoamento da estrutura organizacional e do recrutamento de instrutores e monitores.

Em 1995, passou a vigorar a nova sistemática de funcionamento do CAS, que visava dar conta da demanda do número de alunos, uma vez que as turmas de formação da EsSA, a partir de 1985, tornaram-se maiores. O próprio Centro de Instrução elaborou, em outubro de 1993, baseado em diretriz do Estado-Maior do Exército, uma proposta de modificação do CAS a partir de 1995, prevendo a sua realização em duas fases – a primeira a distância e a segunda presencial.

Reconhecido de forma definitiva o seu papel no Sistema de Ensino do Exército, a designação inicial como Centro de Instrução e Aperfeiçoamento de Sargentos foi alterada, no dia 15 de janeiro de 1998, para Escola de Aperfeiçoamento de Sargentos (EsAS). No dia 3 de agosto do mesmo ano, a sigla foi alterada para EASA, a qual é ostentada até hoje pela Escola, embora a denominação ainda fosse mudar mais uma vez. No dia 10 de agosto de 1998, foi concedido o estandarte histórico e o distintivo de Unidade.



Em 1999, a EASA deu seu passo mais ousado e oportuno com a criação da Coordenação Geral do Corpo de Alunos. Tamanha ousadia para um estabelecimento de ensino ainda jovem, mas consciente de sua importância na estrutura do Exército, demonstrava a maturidade do ideal de valorização do sargento no âmbito da Força.

Em 2003, por ocasião da elaboração de um trabalho versando sobre a valorização do sargento no Exército Brasileiro, desenvolvido por três sargentos-alunos da EASA, foram feitos alguns questionamentos ao comandante, na época em que foi implantada a estrutura de Coordenação do Corpo de Alunos, que declarou:

“Como a principal mensagem que era direcionada aos Sargentos-Alunos assentava-se sobre uma nova postura que o sargento aperfeiçoado deveria assumir, eu teria que não apenas dizer, mas demonstrar que acreditava no que estava pregando. E não poderia continuar atribuindo ao sargento selecionado para integrar o corpo docente da escola uma função apenas secundária. Portanto, eu estaria assegurando o comprometimento dos sargentos na condução do aperfeiçoamento de seus companheiros e, junto a estes, o comprometimento em relação a um melhor posicionamento que sempre almejaram.”

O início do processo de implantação da Coordenação Geral na EASA remonta ao ano de sua concretização: 1999. Já em 1994, conclui-se que a experiência adotada no Corpo de Alunos, através do empenho de um graduado na ligação com os alunos, apresentou excelentes resultados e merecia ser ampliada, com a designação de um sargento para cada curso. A medida auxiliaria a aliviar os cursos de encargos disciplinares e administrativos relativos aos alunos, liberando-os para maior dedicação às atividades de ensino.

No ano de 1995, foram criados os cargos de Coordenação dos Cursos, desempenhados por um sargento de cada arma e desvinculados das atividades de instrução, estrutura que perdurou até 1996. A partir de 1997, o Comando julgou oportuno o retorno da centralização das atividades administrativas e escolares. Ainda nesse ano, um primeiro sargento, primeiro militar a possuir o curso de *Sergeant Major*, realizado junto ao Exército dos Estados Unidos da América, atuou diretamente no assessoramento ao Comandante nos assuntos pessoais e acadêmicos dos sargentos-alunos.

No final do ano 1998, a contraposição entre as experiências dos anos de 1997 e 1998 e dos anos anteriores demonstrou as dificuldades decorrentes do acúmulo das funções administrativas e de ensino. O Diretor de Ensino decidiu, então, desmembrar as atividades de ensino das atividades administrativas, através da criação da Coordenação Geral do Corpo de Alunos. Nesta oportunidade, outro sargento, que retornara do curso de *Sergeant Major* nos Estados Unidos, foi o primeiro militar a assumir a recém-criada função de Coordenador Geral.

A estrutura implantada e existente até o presente representou uma quebra de paradigmas no Exército Brasileiro e um marco para a valorização e reconhecimento da competência do sargento, com a designação para um cargo desse nível. Além do Coordenador Geral, existe um Coordenador para cada turma de formação. Para desempenhar a função de Coordenador, o militar deve ser possuidor de atributos como tato, comunicabilidade, paciência, direção, resiliência, flexibilidade, responsabilidade e equilíbrio emocional, além de sólido preparo técnico e comprovada competência profissional. A compreensão da função torna-se essencial para que o coordenador possa promover a interação e estimular os sargentos-alunos por meio da liderança. Ele dirige todo seu trabalho e esforço para o aluno, que é a razão de ser da escola. Mais do que liderar, o Coordenador Geral e os Coordenadores de Turmas devem inspirar seus comandados, calçados no exemplo e na ação de comando.

No ano de 2003, quando comemorou seus 10 anos, a EASA recebeu a Ordem do Mérito Militar, distinção concedida pelo Presidente da República como recompensa aos relevantes serviços prestados à nação brasileira. No ano de 2004, com a chegada do Curso de Aperfeiçoamento de Sargentos de Comunicações, a EASA passou a ser responsável por aperfeiçoar os sargentos de todas as armas do Exército Brasileiro. A centralização demonstra o reconhecimento e a confiança no trabalho empreendido pela escola. Também, em 2004, foi inaugurado o Museu Batalhão Curupaiti, nas dependências da EASA, com o objetivo de resguardar a memória da presença do Exército Brasileiro em Cruz Alta.

Em 2007, a EASA recebeu os primeiros sargentos-alunos estrangeiros, oriundos do Exército Argentino, que vieram realizar o aperfeiçoamento em nosso País. As vagas a militares



estrangeiros são ofertadas, anualmente, às Nações Amigas, cumprindo o Plano do Exército Brasileiro para intercâmbio com exércitos de países com os quais o Brasil mantém relações diplomáticas. Até o 3º turno de 2012, a EASA já aperfeiçoou 70 sargentos estrangeiros de Angola, Argentina, Bolívia, Equador, Paraguai, São Tomé e Príncipe, Suriname, Venezuela e Uruguai.

Ensino hoje

Anualmente, são aperfeiçoados pela EASA cerca de 750 sargentos das Armas de Infantaria, Cavalaria, Engenharia, Artilharia e Comunicações. Além do efetivo já mencionado, na fase do ensino a distância, são aperfeiçoados outros cerca de 400 sargentos de Intendência, Manutenção de Comunicações, Topografia, Saúde e Mecânica de Aviação.

O processo de ensino-aprendizagem ocorre em duas fases distintas: uma na modalidade a distância, com duração de 30 semanas; e outra presencial, com duração de 11 semanas.

Na primeira fase, o aluno conta com um ambiente virtual de aprendizagem, dispondo de tutoria em todas as disciplinas, e recebe, em sua Organização Militar (OM), um Guia do Aluno, um DVD hiperâmnia e as apostilas das disciplinas para o estudo.

A segunda fase do CAS é subdividida em Organização e Emprego da Arma (OEA) e Administração. Em OEA, cada um dos cinco cursos desenvolve as disciplinas específicas de sua arma. Em Administração, as disciplinas são comuns a todos os cursos.

No decorrer das atividades de OEA, aproveitando a localização da escola na Região Sul do País, de importância histórica e estratégica, onde há várias OM, são realizados os Pedidos de Cooperação de Instrução, denominados “Operação Couraça”, que contam com a participação das armas-base e de apoio ao combate. O ponto culminante da “Operação Couraça” ocorre com a demonstração de uma Força-Tarefa, realizada no Campo de Instrução de Santa Maria, na qual os alunos têm a oportunidade de observar os sistemas operacionais manobra, apoio de fogo e logística.

Finalizando a subfase de OEA, é executado o Exercício no Terreno “Sargento Max Wolf Filho”, que compreende a elaboração de um quadro tático no qual os sargentos-alunos devem aplicar os conhecimentos de Operações Defensivas

e de Operações Ofensivas, visualizando o emprego de uma brigada no terreno. Os planejamentos procuram integrar as características do emprego das Armas de Infantaria, Cavalaria, Artilharia, Engenharia e Comunicações, identificando a sequência integrada e a dinâmica operacional do combate, levando-se em conta os ensinamentos preconizados pela doutrina vigente na Força Terrestre.

Já na subfase de Administração, são desenvolvidas instruções referentes à administração militar, que envolvem gestão de pessoas, patrimonial e financeira, dentre outros assuntos da área administrativa. Ocorre, também, o desenvolvimento do Plano de Conferências e Palestras, do qual participam o Gabinete do Comandante do Exército, a Diretoria de Avaliação e Promoção e o Centro de Comunicação Social do Exército, dentre outros.

No intuito de desenvolver integralmente o sargento-aluno, são realizadas, ainda, atividades: desportivas denominadas “Olimpíadas do CAS”; culturais, organizadas na “Semana Cultural”; e de responsabilidade social, com a execução das ações do “Projeto Sargento-Aluno Solidário”.

Na “Semana Cultural”, quando a tradição gaúcha é apresentada, são programadas visita às Missões Jesuíticas, degustação do tradicional “costelão” e apresentações de danças típicas. Já no “Projeto Sargento-Aluno Solidário”, são arrecadados e distribuídos pelos alunos, nas comunidades carentes de Cruz Alta, alimentos, brinquedos e roupas, e realizada doação de sangue ao Hemocentro.

Consolidação

A EASA demonstra os resultados da evolução da gestão e o comprometimento rumo à solidificação dos fundamentos da excelência, fato evidenciado com a conquista de três prêmios do Programa Gaúcho de Qualidade e Produtividade: em 2009, a Medalha Bronze, e em 2010 e 2011, o Troféu Bronze; e do Certificado da Secretaria de Economia e Finanças, por ter conquistado o 1º lugar, dentre os Estabelecimentos de Ensino, na avaliação de desempenho da contabilidade em 2012.

No ano de 2013, a EASA comemora 20 anos, projetando um futuro tão intenso quanto foram os primeiros passos, consolidando-se como um centro de referência no aperfeiçoamento de sargentos para o Exército Brasileiro. 

As despedidas no EXÉRCITO



Foto: Jackson Mendes

Ao encerrar-se mais um ano de instrução, o Exército Brasileiro realiza o licenciamento do contingente de recrutas incorporado em 2012, em virtude da conclusão do Serviço Militar obrigatório.

Nos quartéis, em cerimônias que contam com a presença de familiares, são entregues Certificado de Reservista e outros documentos aos futuros ex-militares.

Anualmente, o Comandante da Força dirige a esses jovens palavras de despedida e agradecimento pelo êxito alcançado, bem como destaca o que a sociedade espera de cada um dos licenciados, agora cidadãos em dia com o Serviço Militar.

Conheça a mensagem destinada a esses jovens, que foram licenciados na 2ª turma, em 2013.

LICENCIAMENTO 2012

A conclusão do Serviço Militar Obrigatório assinala para o jovem o cabal cumprimento de uma lei. O consequente “Licenciamento” é uma vitória a ser comemorada com vibração e orgulho, sobretudo porque é a meritória conquista de um requisito para a cidadania plena.

Pare e contemple a exitosa caminhada que realizou. Quantos ensinamentos hauridos e virtudes confirmadas úteis ao cidadão e à Pátria! Quanta aprendizagem obteve como integrante da família militar verde-oliva e representante do “Braço Forte” e da “Mão Amiga”!

Veja quando tudo começou. Lá no Posto de Recrutamento, apresentou-se e foi submetido a entrevistas, exames e inspeções. A seguir, o universo de “conscritos” foi reduzido, ainda mais, quando considerado “Apto para o Serviço Militar”. Designado para uma Organização Militar, na bagagem levava expectativas e dúvidas. Foi recepcionado com uma festiva formatura-geral e o “recruta” transpôs, oficialmente, o portão das Armas.

Tiveram início os exercícios, as instruções, os serviços, a prática das fundamentais disciplina e hierarquia e do competente preparo técnico para a defesa da Pátria. Participou do fraternal convívio baseado na lealdade e no respeito para com todos e da sadia camaradagem. Zelou, com orgulho, pelo uniforme, impecável em cada apresentação individual ou coletiva. Compartilhou responsabilidades, ultrapassou limites pessoais, cresceu... O solene “Compromisso do Soldado”, feito diante da Bandeira do Brasil, falou ao seu íntimo da necessidade da Ordem para haver Progresso e do conhecer seus direitos sem esquecer o priorizar dos deveres. Mais testes, exercícios e desafios. Já afeito ao trabalho em equipe, preservou e praticou os valores militares, respeitando os superiores hierárquicos, tendo afeição pelos irmãos de Armas e tratando com bondade os subordinados.

O tempo passou. O ontem se fez hoje. Agora, você Soldado de Caxias é um “Reservista”. Está pronto para encarar com otimismo e competência o amanhã, consciente de que o quartel foi, é e será a casa onde “(...) a paz queremos com fervor(...)”, mas sempre prontos para a guerra.

Parabéns! Seja aquele cidadão digno da confiança que a sociedade brasileira em você deposita.

“...a disciplina militar prestante não se aprende, Senhor, na fantasia, sonhando, imaginando ou estudando, senão vendo, tratando e pelejando.”

L V de Camões, em Os Lusíadas

General de Exército **ENZO MARTINS PERI**
Comandante do Exército

Aconteceu no Colégio Militar de Porto Alegre



Entre tantas emocionadas, significativas e espontâneas manifestações de militares e de professores civis que se despediram do Velho Casarão da Várzea por conclusão de tempo de serviço, por transferência ou a pedido, via de regra publicadas em postagens no Facebook, o Colégio Militar de Porto Alegre (CMPA) escolheu uma, por ser mais impessoal e institucional.

Seu autor não é Oficial, Subtenente, Sargento ou Professor Civil. Trata-se de um jovem cidadão que incorporou na Companhia de Comando e Serviços do CMPA para prestar o Serviço Militar Obrigatório e que, por se identificar com a carreira das armas e com a nobre missão de apoio ao Ensino, tornou-se um destaque entre seus pares e resolveu fazer a curta carreira de militar temporário.

Inicialmente, como Soldado e, a partir de março de 2011, merecidamente como Cabo, **Thiago Kingeski Clementel** serviu por cinco anos na CCSv e se despediu do CMPA no dia 1º de março para cursar a Escola de Sargento das Armas, já que foi aprovado no último concurso. Em 2011, havia também sido aprovado no vestibular para o curso de Formação em Administração Pública e Social, na UFRGS.

Veja, abaixo, suas palavras de despedida:

*É chegada a hora de partir!
É chegada a hora de partir.*

Nesse momento, encontro-me em um misto de nostalgia, tristeza e alegria. Nostalgia sim, pois me lembro bem do primeiro dia em que coloquei meus pés dentro do velho casarão, cheio de expectativas,

entrando em contato com essa instituição que veste o Verde-Oliva, conhecendo e transpondo meus próprios limites físicos e psicológicos, fazendo inúmeras amizades e descobrindo um novo mundo, ou melhor, uma nova ótica para enxergar o mesmo mundo, só que através da perspectiva militar.

Digo também que sinto uma tristeza, mesmo que passageira, pois uma parte do laço está se quebrando. Esse laço com o CMPA, que soube me conquistar, mesmo não sendo voluntário em primeira instância para prestar o referido serviço militar nessa OM, foi se reforçando cada vez mais, em uma camaradagem recíproca, entre esse velho amigo e minha pessoa.

Tantos serviços, tantas histórias, tantas provações, tudo isso nos aproximou mais, tornando minhas vitórias pessoais parte do colégio, e as vitórias do colégio parte minha também.

Tantas pessoas que passaram por minha vida através do contato que tive no colégio, tantos exemplos a serem seguidos, tudo isso que enriqueceu meu caráter e minha trajetória no EB.

E a alegria, como não poderia deixar de ser, vem através de todo esse apreço que a instituição teve e tem comigo, e por conta das amizades que tive, tenho e ainda vou ter graças ao CMPA, graças ao EB!

De certa forma, vejo que estava certo desde criança quando pensava em um dia ser milico! Pois hoje vejo e afirmo com toda certeza! Vale a pena servir ao Exército Brasileiro!

Espero que meus próximos passos sejam dados com tanta honra, humildade e dedicação quanto foram os que dei enquanto estive servindo ao CMPA, e que, talvez um dia, eu possa estar de novo pisando pela primeira vez no Velho Casarão, porém como Sargento do Exército Brasileiro.

*Obrigado CMPA!
Obrigado EB!*

Cabo Thiago Kingeski Clementel



Centenário de nascimento de **LUIZ GONZAGA** **O REI DO BAIÃO**

O eterno Luiz Gonzaga do Nascimento, como voluntário, integrou as fileiras do Exército Brasileiro de 1930 a 1939. Seja como soldado, cidadão ou artista, soube honrar e dignificar sua cidade natal, Exu (PE), o Exército Brasileiro e o Brasil.

No ano de 2012, o Brasil e o Exército Brasileiro, particularmente o Comando Militar do Nordeste, comemoraram o centenário de nascimento de um dos maiores representantes da música popular brasileira: **Luiz Gonzaga do Nascimento**. Em 12 de dezembro de 1912, no município de Exu, sertão pernambucano (distante 700 km do Recife), nasceu **Luiz Gonzaga**, filho dos lavradores **Januário José Santos** e **Ana Batista de Jesus**, esta mais conhecida como **Santana**. Ainda na infância, **Luiz** costumava ajudar seu pai tocando zabumba em festas pela região, pegando desde cedo o gosto pelo instrumento, até ficar conhecido como o

“Rei do Baião”.

Na maioridade, envergonhado por conta de uma surra que levava de sua mãe, vendeu uma sanfoninha que tinha para pagar a passagem de trem, partindo de Exu rumo a Fortaleza, em busca de sua independência. Segundo depoimento do próprio **Luiz Gonzaga**, em entrevista concedida ao Programa de Rádio Esquina da Saudade, ele tomou a decisão de alistar-se no Exército ao ouvir pelo rádio que o Governo precisava de soldados.

Em 5 de junho de 1930, alistou-se no 23º Batalhão de Caçadores (23º BC), tornando-se o recruta número 122 e, um ano depois, passou a ser conhecido por seu nome de



Soldado Nascimento no 23º BC

guerra: Soldado **NASCIMENTO**. No mesmo ano, participou com a tropa do 23º BC de campanhas da Revolução de 30, “sem sequer dar um tiro”, como ele costumava ressaltar em suas entrevistas.

Transferido, em 1932, para o 12º Regimento de Infantaria (12º RI), em Belo Horizonte, no mesmo ano, pediu transferência para cidade de Juiz de Fora (MG).

O Soldado **Nascimento** foi promovido, em 1933, a “tambor-corneteiro” de 1ª classe, ganhando o apelido de “bico de aço”. Tocar corneta era pouco para o que **Gonzaga** queria. Começou a estudar violão e aprendeu mais fundamentos acerca de harmonia. Mesmo assim, percebeu que o violão desafinava facilmente e não tinha o volume desejado. Imediatamente, relembrou suas origens de sanfoneiro, tal qual seu pai **Januário**. Nesse meio tempo, já experiente, seguiu em missão com o 12º RI para Campo Grande (então MT), numa questão de fronteiras entre o Paraguai e a Bolívia, oportunidade em que conheceu a polca (uma dança folclórica paraguaia), realizando adaptações para tocá-la com a sua sanfona.

Em 1936, prestou concurso para sanfoneiro da Banda de Música do quartel, mas foi reprovado porque não conhecia as notas da escala musical. Em Minas Gerais, conheceu **Domingos Ambrósio**, um soldado da Polícia Militar que tocava sanfona. Com ele, passou a

estudar em sanfona de 48 baixos e adquiriu o seu segundo instrumento (sanfona). Em 1937, foi transferido para a cidade mineira de Ouro Fino, onde fez sua estreia como sanfoneiro em um palco diante do grande público.

Em virtude da “Lei dos 10 anos”, que limitava o engajamento, foi obrigado a dar “baixa” do Exército Brasileiro, em 1939, na cidade do Rio de Janeiro, encerrando seu tempo na caserna. No Rio, enquanto aguardava a chegada do navio que o levaria de volta ao Recife, e de onde pretendia pegar o trem para Exu, resolve conhecer o Mangue, o bairro boêmio vizinho. E lá, com sua sanfona Honner branca, fez sucesso tocando valsas, tangos, choros, foxtrotes e outros ritmos da época. Através de um músico amigo, o baiano **Xavier Pinheiro**, que era casado com uma portuguesa, **Gonzaga** vai morar no morro de São Carlos. Assim, fica marcado o início de uma carreira.

No entanto, somente em 1946, **Luiz Gonzaga** gravou, com **Humberto Teixeira**, a música Baião, sucesso em todo o País. No ano seguinte, gravou a música que se tornaria um clássico brasileiro: a toada Asa Branca, sua terceira parceria com **Humberto Teixeira**, inspirado no repertório de tradição oral nordestina. A partir daquele ano, adota o chapéu de couro semelhante ao usado por **Lampião**, a quem tinha verdadeira admiração, em sua apresentação artística, assumindo, ao mesmo tempo em que também plasmava, a identidade nordestina no cenário nacional. **Luiz Gonzaga** foi, então, eleito o “Rei do Baião”.

O seu reinado foi permeado por sucessos, participações em programas de rádio e shows. Gravou 627 músicas em 266 discos, entre RPM, LPs de 12 polegadas, LPs de 10 polegadas, Compactos Simples e Duplos (33 e 45 RPM) e LPs de coletâneas.

Após longo período de atividade profissional, em torno de 35 anos, é chegada a hora de retornar a sua terra natal. Em Exu, dá início à construção do tão sonhado Museu do Gonzagão, localizado às margens da BR-122,



Momento da entrega da placa simbólica.



Retreta pela Banda de Música do 72º BI Mtz

dentro do Parque Aza Branca (escrevia desta forma por pura superstição, embora soubesse do erro ortográfico). No museu, encontra-se o maior acervo de **Luiz Gonzaga**: suas principais sanfonas, inclusive a que tocou para o Papa em Fortaleza; suas vestimentas; seus discos de ouro; troféus; diplomas; títulos; fotos e presentes a ele ofertados ao longo de sua brilhante carreira. Além do museu, o parque abriga, também, o mausoléu da família, lanchonete, grande palco de shows, várias suítes para acolhimento de visitantes, a casa de Vovô **Januário**, lojinha de souvenir e a casa grande de onde **Gonzaga** observava a sua pequena Exu.

No dia 6 de junho de 1989, **Luiz Gonzaga** subiu pela última vez em um palco, ao lado de **Dominguinhos, Gonzaguinha, Alceu Valença** e vários outros amigos e parceiros, com o auxílio de uma cadeira de rodas, desobedecendo a ordens médicas. A plateia, no teatro Guararapes, no Centro de Convenções de Pernambuco, não poderia prever que não mais veria o Rei do Baião. **Luiz Gonzaga** morreu, no dia 2 de agosto de 1989, vítima de parada cardiorrespiratória, no Hospital Santa Joana, na capital pernambucana, e foi sepultado em seu município natal.

A ONG Parque Aza Branca, constituída sob a forma de uma sociedade civil sem fins lucrativos, com atuação em âmbito nacional, foi fundada em 23 de agosto de 2001, com o objetivo de empreender ações voltadas à preservação da obra e da imagem de Luiz Gonzaga e à conservação do seu Museu em Exu. Fiel ao ideário de **Luiz Gonzaga**, sertanejo por excelência e defensor da cidadania, o Parque Aza Branca tem também em seus princípios ser um instrumento de defesa da ética, da paz e da cidadania, procurando combater toda e qualquer discriminação entre os homens e promovendo a cultura como alavanca do desenvolvimento humano.

Luiz Gonzaga, em enquete popular promovida por

uma emissora de televisão local, em 2009, foi eleito o “Pernambucano do Século XX”, entre mais nove candidatos: **Gilberto Freire, Paulo Freire, Capiba, Francisco Brennand, João Cabral de Melo Neto, Manoel Bandeira, Barbosa Lima, Austregésilo de Athayde e Josué de Castro**. **Gonzaga** foi eleito com mais de 270 mil votos, o equivalente a 58,29% do total do pleito.

Em 3 de maio de 2012, foi sancionada a Lei nº 14.291, instituindo no âmbito do Calendário Cultural do Estado de Pernambuco o ano de 2012 como o do Centenário de Nascimento de **Luiz Gonzaga**, o Eterno Rei do Baião.

Em homenagem e reconhecimento do Exército Brasileiro aos relevantes serviços prestados à Força Terrestre, no período de 1930 a 1939, quando o soldado **Nascimento**, depois aclamado como o “Rei do Baião”, aprimorou seu estilo musical e acrescentou na sua bagagem experiências culturais do tempo que cumpria as missões da farda, o Comando Militar do Nordeste (CMNE) realizou, no dia 13 de dezembro de 2012, no Parque Aza Branca, no município de Exu, uma cerimônia comemorativa aos 100 anos de Luiz Gonzaga.

A solenidade constou de honras militares; leitura de um alusivo; entrega de uma placa simbólica a **Joquinha Gonzaga**, sobrinho de **Luiz Gonzaga** e neto de **Januário**; pronunciamento do Comandante Militar do Nordeste, General de Exército **Odilson Sampaio Benzi**; e entrega de um buquê de flores a Senhora **Elenilde Alencar**, conhecida como **Donda**, responsável pelo Parque Aza Branca, que reúne o acervo patrimonial deixado por **Luiz Gonzaga**: o mausoléu, o museu, a réplica da casa de seu pai, **Januário**, e seu tão cantado Juazeiro. Encerrando o evento, foi executada uma retreta pela Banda de Música do 72º Batalhão de Infantaria Motorizado (72º BI Mtz), com peças do repertório do maior cancionero do Nordeste do Brasil. 🐾

Fortaleza de Santa Cruz da Barra

400 anos (1612-2012)

Falar da Fortaleza de Santa Cruz da Barra nos leva intrinsecamente a parafrasear Sylvio Peixoto, em sua obra As Atalaias da Guanabara: “Sobre o promontório de granito que, na extremidade oriental da barra, avança para o mar e procura esconder avaramente o panorama deslumbrante da mais linda baía do mundo, erguem-se as muralhas imponentes da Fortaleza de Santa Cruz”.





Atividade Turística



Entrada da Fortaleza

Algumas fontes indicam que a pedra fundamental da Fortaleza de Santa Cruz deu-se com a colocação de dois canhões no local por Villegagnon, em 1555, dez anos antes da fundação da cidade do Rio de Janeiro. Contudo, alguns historiadores divergem desta versão, ancorando-se na falta de fontes primárias desta informação e no fato de leituras de cronistas franceses e portugueses descreverem que os navios de ambos os países sempre passaram livremente pela barra sem enfrentar oposição alguma, o que não aconteceria caso houvesse ali um forte.

Entretanto, não há como negar a posição privilegiadíssima do elevado leste da entrada da baía de Guanabara, local de comando propício à instalação de uma defesa da barra.

O fim da campanha desencadeada pelos portugueses para expulsão dos franceses, na segunda metade do século XVI, assim como o controle da ameaça indígena, levaram a uma consequente redução do perigo de uma investida por terra. Sendo assim, o colonizador passou a investir em uma concepção mais preventiva, a fim de impedir a entrada de possíveis invasores, implementando a construção de posições defensivas em locais estratégicos da entrada da baía de Guanabara.

Neste cenário, surge como personagem principal a Bateria Nossa Senhora da Guia. A data desta concepção gera controvérsias, alguns autores mencionam o ano de 1567, outros o ano de 1578. Fato é que **Giberto Ferrez**, em seu livro sobre as fortificações do Rio de Janeiro, menciona que o forte na barra teria repellido quatro navios franceses em 1580 e 1581.

Em 1599, na época da União Ibérica, acontece o “Batismo de Fogo” da Bateria Nossa Senhora da Guia, participando em uma ação militar contra o corsário holandês **Oliver Noort**.

Podemos dizer, então, que desde o século XVI existem

soldados ocupando a extremidade oriental da barra da baía de Guanabara, defendendo esta posição e evitando invasões na cidade do Rio de Janeiro.

Contudo, fontes do século XVI fazem menção a um forte na entrada da barra, que levam a crer que a bateria que ali se encontrava era provisória e não se constituía em uma posição realmente efetiva.

Em 1612, “O Livro que Dá Razão ao Estado do Brasil” descreve a posição da seguinte forma: “Fortaleza nova, a melhor que há em todo o estado do Brasil... com 11 peças de bronze e 9 de ferro.” O termo “Fortaleza nova” reveste-se de importância tornando patente a implementação de uma posição defensiva permanente. Sendo assim, 1612 é considerado o ano de edificação da Fortaleza de Santa Cruz, justificando, em 2012, as comemorações da efeméride dos quatrocentos anos de sua fundação.

Data do ano de 1612, também, a construção da Capela de Santa Bárbara.

Inicialmente, esta construção era um oratório a Nossa Senhora da Guia. Não se sabe ao certo quando tornou-se Capela de Santa Bárbara. Contudo, uma capela de 400 anos guarda uma série de histórias e lendas. Uma destas lendas refere-se à própria imagem de Santa Bárbara, que teria chegado ao local por engano, pois seu destino original seria o do “Forte de Santa Cruz” no Rio de Janeiro. Conta a estória que teriam sido frustradas todas as tentativas efetuadas para, por naus, levar a imagem da Fortaleza ao Forte de Santa Cruz, onde hoje se encontra a Igreja de Santa Cruz dos Militares.

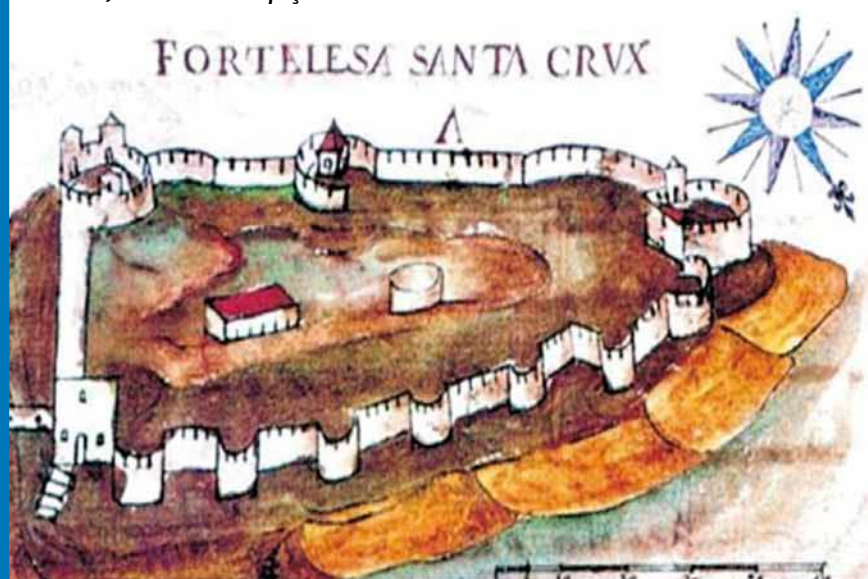
Durante o desenrolar do século XVII, as atenções defensivas portuguesas voltaram-se principalmente para o Nordeste açucareiro. Esse panorama influenciou no desenvolvimento da Fortaleza de Santa Cruz, que passou os anos 1700 sem maiores alterações em sua configuração. Mesmo assim, os poucos recursos destinados à defesa do

Rio de Janeiro eram concentrados nas fortificações da entrada da baía de Guanabara.

Contudo, na década de 1690, o Brasil entra na fase histórica denominada o “Ciclo do Ouro”. Nesse cenário, o ouro de Minas Gerais passa a ser escoado para a Europa pelo porto do Rio de Janeiro, especialmente depois da construção do “Caminho Novo”. Naquela época, Santa Cruz estava armada com 38 peças de artilharia.

A partir do século XVIII, o Rio de Janeiro reveste-se de importância no contexto colonial. A cidade passou a representar um polo de administração de recursos além de despertar a cobiça de invasores estrangeiros,

Em 1690, armada com 38 peças de artilharia



especialmente os franceses que se encontravam em guerra com os portugueses.

Do ponto de vista da história das fortificações, a Fortaleza de Santa Cruz da Barra é uma das mais complexas do Rio de Janeiro. Tendo as suas defesas sido reforçadas no final do século XVII pelo governador da Capitania, **Sebastião de Castro Caldas** (1695-1697), o fogo da sua artilharia repeliu a esquadra de cinco navios e mil homens do corsário francês **Charles Duclerc** (1671-1711), em 6 de agosto de 1710, segundo Sylvio Peixoto: “As baterias da Fortaleza de Santa Cruz entraram em ação para evitar a entrada no porto do Rio de Janeiro de uma esquadra composta de seis navios, sendo, cinco de combate, de uma balandra (transporte), com mais de 1.000 homens de desembarque, sob o comando de **Charles Duclerc**. Organizada quase sob completo sigilo, pelos armadores de **Brest**, a esquadra de **Duclerc** deixara aquele porto em meados de 1710, demandando o Brasil. A 6 de agosto passava por Cabo Frio, e na tarde de 17 surgiu em frente a Guanabara. Afastou-se pelo amanhecer, mas logo em seguida voltou, rumando em direção à entrada da barra. Santa Cruz, como sentinela avançada da baía, deu cabal desempenho a sua missão: expediu um aviso pedindo que não prosseguisse a marcha; e, não sendo atendida, abriu fogo contra a esquadra gaulesa, tendo um dos projéteis atingido, segundo **Rocha Pombo**, a capitânea de **Duclerc**. Os franceses acharam de bom alvitre fugir do fogo de Santa Cruz; então, fizeram-lhe ao largo, indo ancorar, a 27 do mesmo mês, na Ilha Grande onde, pelo saque se abasteceram de víveres”.

A derrota de **Duclerc** não desanimou os franceses, que permaneceriam interessados nas possibilidades de saque do Rio de Janeiro. A Fortaleza de Santa Cruz da Barra mostrou-se eficiente para repelir o corsário francês em 1710; contudo, não impediu a invasão de 18 navios, 740 peças de artilharia, dez morteiros e 5.764 homens do corsário francês **René Duguay-Trouin**, em setembro de 1711. Nessa época, a fortificação contava com quarenta e quatro peças e foi ocupada pelos franceses até a sua retirada, em 13 de novembro de 1711. **Sylvio Peixoto** descreve a atuação da Fortaleza de Santa Cruz: “Foi nessa situação que, a 12 de setembro, às treze horas, a Fortaleza de Santa Cruz anunciou, com um disparo, a aproximação da esquadra de **Duguay-Trouin**. Não obstante o número estreitíssimo de soldados que a guarneciam, Santa Cruz enfrentou, corajosamente, as forças invasoras, destruindo-lhes 80 homens e pondo 220 fora de combate, obrigando-as, com esse desfalque, a transpor a barra. Nove dias depois, isto é, a 21, já vitorioso, **Duguay-**

Trouin desembarcou no Rio de Janeiro, ficando apenas a Fortaleza de Santa Cruz guardando o pavilhão português, que só foi arriado a 23 do mesmo mês quando, forçada as circunstâncias, se rendeu.

Importante observar que, mesmo diante do revés desta campanha, a Fortaleza demonstra sua inexpugnabilidade ao constituir-se no último reduto de resistência ao invasor.

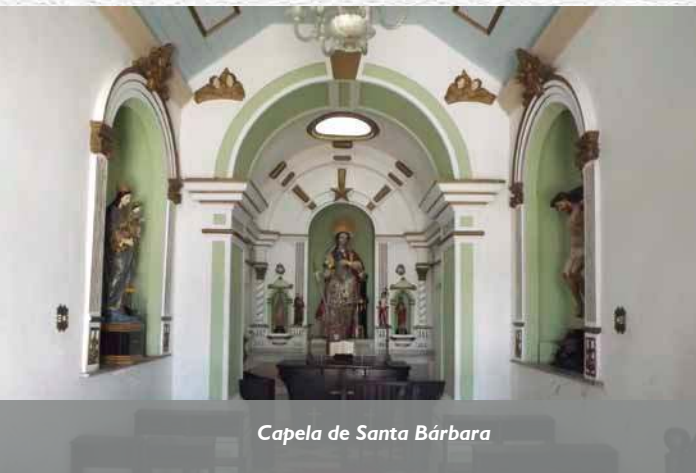
Após as invasões francesas do início do século XVIII, a corte portuguesa passou a dispensar uma atenção especial para a defesa da cidade do Rio de Janeiro e, a partir da administração de **D. Francisco Távora** (1713-1716), os trabalhos de reparo e construção de fortificações tiveram início. Sendo assim, em 1712, a Metrópole envia um engenheiro militar, o Brigadeiro **Massé**, para planejar, sistematizar e por em prática uma nova defesa para a entrada da barra, reformando e construindo novas fortificações.

Em 1738, o armamento do forte era de 64 canhões. Uma planta de 1764 já apresenta grandes reformas realizadas no período do **Conde da Cunha** (1763-1767), com a reconstrução e o reforço de toda a muralha sul, voltada para o Oceano Atlântico. A face voltada para baía de Guanabara tem o traçado retilíneo. Contudo, até o final do século XVIII, a maior preocupação consistia na proteção da parte mais vulnerável da fortaleza, a Montanha do Pico, que poderia sofrer um ataque por um desembarque “à retaguarda”. Esta foi a motivação para a construção ou a reforma dos fortes da Praia de Fora, de São Luís e o Reduto do Pico.

No início do século XIX, merece destaque uma solução para o aumento da eficácia dos tiros. Durante a década de 1820, foram construídos fornos de balas ardentes com a finalidade de aquecer os projéteis até torná-los rubros. Após o disparo, esses projéteis incendiavam os cascos de madeira dos navios. Hoje em dia, a Fortaleza abriga um exemplar deste

Em 1738, planta das reformas realizadas pelo Conde da Cunha





Capela de Santa Bárbara



Bateria a céu aberto

forno em perfeito estado de conservação.

Em 1851, a Fortaleza recebe um equipamento mais poderoso: alguns canhões-obuses Paixhans, de calibre 80, capazes de disparar granadas explosivas, melhorando a capacidade ofensiva do forte. Além deste armamento, Santa Cruz também foi contemplada, a partir de 1863, com alguns canhões de 42 libras.

No século XIX, a Fortaleza contava com três andares, conferindo à fortificação uma imponente aparência. Além disso, no desenrolar desse século, foram construídas diversas baterias baixas em outros pontos do forte.

Nessa ocasião, a Fortaleza chegou a contar com 111 canhões (4 de 80 lb, 14 de 36 lb, 22 de 32 lb, 32 de 24 lb, 29 de 18 lb e 10 outras peças). Para guarnecer essas peças em combate era necessária uma guarnição de centenas de homens. General **Bittencourt**, em 1859, em uma de suas inspeções, constatou que, em tempo de paz, deveriam existir no mínimo 200 soldados e, em tempo de guerra, 2.200 homens.

Na época da Questão Christie, foi instituída uma “Comissão de Melhoramentos”, que dispensou à Fortaleza de Santa Cruz primordial atenção ao confirmar-lhe o papel de principal fortificação do Império. Nesse momento, Santa Cruz passou a abrigar o 1º Batalhão de Artilharia a Pé, contando com guarnição em permanente estado de prontidão, composta de artilheiros especializados em defesa costeira.

Foram construídas as “Baterias Acasamatadas”, uma “joia” da engenharia militar brasileira: Bateria 2 de Dezembro (em homenagem à data natalícia de D. Pedro II) e 25 de Março (em homenagem à data da 1ª Constituição Brasileira).

Essa construção seguiu um padrão “Haxo”, utilizando-se de blocos de granito maciço, presos uns aos outros por gatos (grampos) de bronze e argamassa de cimento – um dos primeiros usos desse material em fortificações brasileiras. As 41 casamatas do forte foram concluídas em 1870, apesar de as obras terem continuado por mais alguns anos. Foi também iniciada a construção de um quartel à prova de bombas para abrigar a guarnição das peças em caso de bombardeio

prolongado por granadas explosivas; um acréscimo que se mostrou necessário devido à experiência da Guerra do Paraguai. Esse quartel, situado atrás das baterias acasamatadas, foi inaugurado em 1875 e é hoje conhecido como “Paiol Imperial”. O professor **Adler Homero Castro**, em sua obra “Muralhas de pedra, Canhões de bronze, Homens de ferro”, menciona que, nessa época, o armamento de Santa Cruz consistia de 125 bocas-de-fogo: todas as casamatas estavam ocupadas com peças de alma lisa de calibre 80, *Whitworth* de calibres 70 e 120 e *Armstrong* de calibre 120 à barbete, no topo das casamatas (antiga “Bateria do Imperador”, hoje denominada “Santa Thereza”, em homenagem à esposa de D. Pedro II). Ao todo, a fortaleza tinha 38 canhões raiados, vinte dos quais considerados como de grande calibre (115 libras ou mais). As outras peças de alma lisa ficavam nas baterias secundárias, a maior parte apontando para o setor menos importante, o porto. Havia até três morteiros de 210 mm, direcionados para a Fortaleza do Pico, para o caso de essa posição ser tomada pelo inimigo.

No final do século XIX, a Fortaleza já contava com avanços estruturais: a instalação de iluminação a gás foi substituída pela energia elétrica gerada por motor a diesel; melhorou-se a higiene das cisternas e foram contruídos uma rede de esgoto e novos prédios para os oficiais.

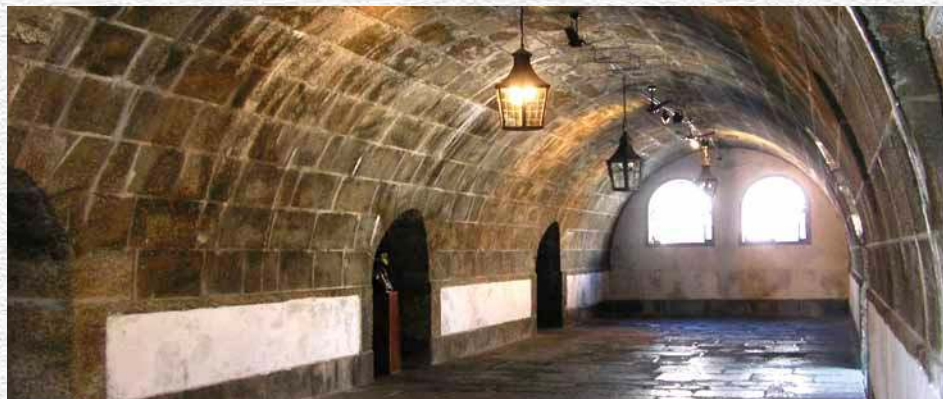
Contudo, com o aumento do alcance da artilharia, tornou-se desnecessário posicionar canhões próximos à entrada da barra. Este fato colaborou para uma visão de obsolescência da Fortaleza de Santa Cruz da Barra. Consequentemente, planejou-se a implementação de baterias principais de penetração, situadas na Ilha de Lage, no Imbuí e, posteriormente, no Forte de Copacabana.

Santa Cruz teve que ser adaptada para essa nova realidade. A primeira transformação consistiu na construção de uma bateria a céu aberto no local, fora da antiga fortificação, com três peças de artilharia constituindo a “2ª Bateria”, que passou a ser a principal bateria por possuir material mais moderno.

A década de 1920 foi agitada na velha Fortaleza, o Professor **Adler Homero da Fonseca** descreve assim



No século XIX, os três andares da fortaleza



Quartel à prova de bombas

este momento histórico: “...Em 1922, quando o Forte de Copacabana sublevou-se contra o Presidente da República, Santa Cruz bombardeou a fortificação revoltada, disparando quarenta granadas de *Krupp* 150 mm – ação de caráter puramente psicológico, já que esses projéteis seriam incapazes de causar qualquer tipo de dano à massa de concreto do Copacabana. Dois anos depois, ainda no agitado período do governo de **Artur Bernardes**, o encouraçado São Paulo e o contratorpedeiro Goiás rebelaram-se contra o Presidente e intimaram a fortaleza a libertar diversos oficiais da Marinha que lá se encontravam presos. Rechaçada a intimação, a fortificação e o encouraçado trocaram tiros: um projétil do São Paulo danificou um canhão de Santa Cruz e os 33 disparos dos canhões *Krupp* de 150 mm, apesar de incapazes de causar danos mais sérios ao navio, pesadamente blindado, afundaram os dois hidroaviões que ele rebocava e forçaram a rendição do Goiás. Encerrando o movimento de comoção política que varreu o país na década de 1920, em 24 de outubro de 1930, a fortaleza participou do movimento pela renúncia de **Washington Luís**, fechando o capítulo final da Revolução de 1930.”

Em 1938, foi implementada a “Bateria Mascarada”, ao serem removidos os Canhões *Krupp* do interior da Fortaleza para a encosta do Morro do Pico, em posições ocultas (mascaradas), para aumentar a eficácia e diminuir o risco de ataques aéreos e danos por bombardeamento naval. Nessa ocasião, foram, também, construídas instalações de apoio, tais como o paiol, o posto de comando e a impressionante Câmara de Tiro.

Tendo em vista o alto mérito histórico e arquitetônico, o Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN – tombou parte do complexo de edificações, em 4 de outubro de 1939, através do processo nº 207-T, inscrição nº 122, Livro Histórico, fl. 22, e inscrição nº 274, Livro Belas Artes, fl. 47.

Em 1955, foi efetuado o último disparo dos canhões da Fortaleza contra o cruzador da marinha brasileira “Almirante Tamandaré”, que tentava sair do Rio de Janeiro com o presidente **Carlos Luz** em direção à cidade de Santos (SP) para

instaurar em São Paulo um governo de resistência, contrário à posse do então Presidente eleito **Juscelino Kubitschek**.

Atualmente, as instalações da Fortaleza de Santa Cruz da Barra abrigam o Comando da Artilharia Divisionária da 1ª Divisão de Exército e sua Bateria Comando (Artilharia Divisionária Cordeiro de Farias), Grande Comando Operacional de Artilharia que, inclusive, participou dos combates na 2ª Guerra Mundial.

Em conjunto com as atividades operacionais, desenvolve-se a atividade turística. O visitante tem a oportunidade de conhecer o passado e encontrar antigas peças de Artilharia de diversos períodos. Além, é claro, de desfrutar de uma vista privilegiada da entrada da Baía de Guanabara e da cidade do Rio de Janeiro. 🏰



**“Fortaleza de Santa Cruz da Barra:
Sentinela no passado,
Cultura no Presente e
Tradição no Futuro”**

**Sentinela Alerta!
Alerta Estou!**



Personagem da Nossa História

PADRE NILO KOLLET

UM HERÓI SEM ARMAS NOS CAMPOS DA ITÁLIA

Padre **Nilo Kollet** nasceu em 24 de 1916, no município de Venâncio Aires (RS), filho de **João Kollet** e **Olga Kollet**. Ingressou na vida religiosa muito cedo, com 20 anos de idade deixou sua Igreja São João, em Porto Alegre, e se transformou em conselheiro dos soldados da FEB, destacando-se nas perigosas manobras realizadas pelo 9º Batalhão de Engenharia, durante a 2ª Guerra Mundial.

Viveu intensamente a guerra na Itália, chegando à Península Ibérica em 6 de outubro de 1944, onde participou de vários combates, recebeu condecorações e tornou-se um herói sem armas.

Ao recordar os acontecimentos da Itália, diz que “na guerra não há ateus” e explica, entre suas recordações, o que lhe marcou de forma profunda: “a fé do soldado brasileiro. Ele foi um bravo em todos os momentos em que foi chamado a lutar, com uma fé notável em Deus. E esta fé e coragem devem ser realmente realçadas, pois sempre servirão como exemplo a todos”.

Selecionado para ir à guerra pelo Tenente-Coronel padre **João Phenney Silva**, Chefe do Serviço de Assistência Religiosa do Exército, na época, em sua primeira carta para o Brasil, o Capelão **Nilo Kollet** dizia o seguinte:

—“às vezes percorro as montanhas em carro aberto, recebendo no rosto o vento frio e cortante ou a neve em abundância. À noite, viajo em “black-out” na borda de abismos. É o canhão que rugir, é o temor de ser atingido por estilhaços de granadas. Meu lema sempre foi este: estar onde meu Batalhão se encontra. Isto muito conforta os soldados”.

—“houve momentos em que julguei ter chegado o último dia. Uma vez, deitado em uma valeta na encosta de um morro, ouvindo o chiar das granadas e morteiros,

pensava em todo o passado e dizia comigo mesmo: **Frei Orlando** foi o primeiro que não voltará; serei o segundo”.

Juntamente com os capelães, que eram 28, atuavam dois protestantes. “Éramos irmãos, pois na guerra não há distinções”.

Lembra que, em Pizza, os soldados compraram uma imagem de Santa Teresinha, que nos acompanhou por todas as andanças na Itália e acabou vindo para o Brasil. Muitas noites, a imagem foi conduzida por campos minados, atravessou rios e ficou encoberta no barro das sarjetas, sempre nos braços de um soldado. E ele sabia que poderia tomar, mas a imagem deveria continuar intacta.

O Capelão **Nilo Kollet** foi um dos primeiros brasileiros a subir no Monte Castelo, e deixou a seguinte mensagem aos jovens brasileiros: “Confio na autenticidade do jovem de hoje. Que leve o nome do Brasil ao seu destino de glória e felicidade, porque vivemos da saudade dos que partiram para a esperança dos que hão de vir. E a maior homenagem que presto ao expedicionário do Brasil, é lembrar aquela frase que se encontra na Ponte de Silla, onde tombaram muitos dos nossos heróis: Aos que morreram para que nós pudéssemos viver”.

Após cerca de dez meses na guerra, o Capelão **Nilo Kollet** serviu como Chefe do Serviço Religioso na Capelania do III Exército, em Porto Alegre, e ao passar para a reserva, em 1974, foi reconduzido para o serviço ativo, continuando a consolar os pacientes, agora no Hospital Militar de Porto Alegre.

Faleceu em 13 de outubro de 1991, sendo sepultado no Cemitério da Irmandade Arcanjo São Miguel e Almas.

Fontes: Seção de Inativos e Pensionistas/3 e Jornal Folha da Tarde, de Porto Alegre, edição de 5 de setembro de 1973. 



Programa Nacional de Qualidade

Laboratório de Análises Clínicas do Hospital Geral de Juiz de Fora

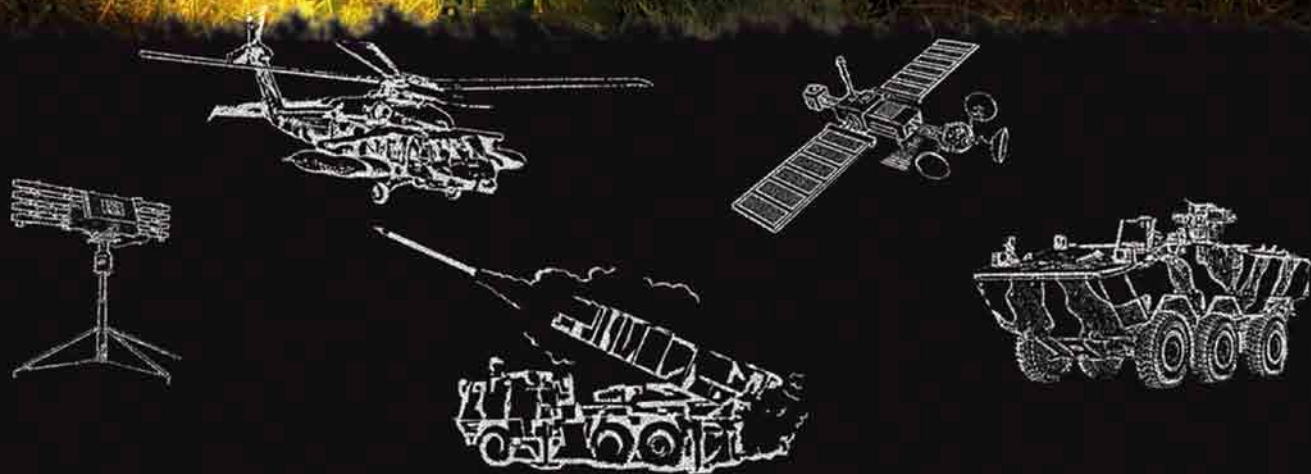


O Laboratório de Análises Clínicas do Hospital de Juiz de Fora recebeu o Certificado de Avaliação Anual de 2012, obtendo desempenho Excelente, por meio do Programa Nacional de Controle de Qualidade, patrocinado pela Sociedade Brasileira de Análises Clínicas (SBAC).

EXÉRCITO BRASILEIRO EM AÇÃO

SALTO PARA O FUTURO

Projeto Gráfico: Centro de Comunicação Social do Exército 2013



19 DE ABRIL
» DIA DO EXÉRCITO

www.exercito.gov.br

POUPLEX Associação de Poupança e Empreendedorismo



Ministério da
Defesa



EXÉRCITO BRASILEIRO
Braço Forte - Mão Amiga

